Povoamento do Nordeste Brasileiro

TH. POMPEU SOBRINHO

I

Os primitivos habitantes

Quando os europeus chegaram ás costas do Nordeste, as primeiras descobertas no Brasil (1), encontraram a terra abundantemente povoada. Mesmo o trecho mais agreste e árido, correspondente ao litoral cearense e riograndense do norte, era percorrido por tribus selvagens que estacionavam nos pontos onde os recursos naturais eram menos escassos. Das praias do Mundaú até além do delta do rio Parnaíba vivia uma nação numerosa e ousada de *tapuias,* a dos indios *tremembés,* composta de homens fortes, eximios pescadores e valentes guerreiros. (2)

No vasto territorio que medeia do rio S.-Francisco ao rio Parnaíba, compreendendo os estados de

---

(1)—Vicente Yañez Pinzon, no dia 26 de Janeiro de 1500, chegou a um cabo da costa nordestina que alguns historiografos julgam ser o do Mucuripe, no Ceará, e outros, como o proprio Pinzon, dizem ser o de Santo-Agostinho, em Pernambuco. Daí seguiu pela costa para o norte, percorrendo o litoral.

Poucos meses depois, Diego de Lepe também aportou no cabo de Santo-Agostinho e seguiu para o sul, á vista da praia. Portanto, quando Cabral, em abril dêsse mesmo ano, descobriu as costas da Baía, já as do Nordeste o tinham sido completamente pelos dois navegadores espanhóis.

(2)—É dificil saber ao certo o nome dêstes indios. Nas diversas cronicas em que há referencias a êstes tapuias, escreve-se *teremembé, taramembé, tremembee, tremembé, tramembé,* etc. Possuíam grandes canoas, eram grandes pescadores, e mui robustos, diz o Pe. Ivo d'Evreux, a ponto de segurarem pelo braço um dos seus inimigos e atirarem-no ao chão, como se fôsse um capão.

Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio-Grande do Norte, Ceará e Piauí, viviam duas grandes familias de amerincolas.

Pela costa, que em parte vinham recentemente de conquistar, em alguns trechos do vale do S.-Francisco e na extremidade norte da serra da Ibiapaba, dominavam indios *tupís*.

Para o interior e em relação com as praias do Rio-Grande do Norte, mas principalmente com as do Ceará, dominavam os indios da grande familia *kariri*. Porém, de permeio, tribus mais ou menos importantes de outras familias se acantonavam, ocupando tratos diversos do territorio. Sobretudo *gês* e *karaíbas* constituíam os mais notaveis representantes dessas familias. Outros grupos etnico-linguisticos, ainda hoje mal conhecidos (*carnijós*, etc.), e certamente outros de todo desconhecidos, ao lado dos *kariris*, *gês*, *karaíbas*, habitavam os nossos sertões. (3)

---

(3)—Do grupo *tupí*, os mais notaveis eram: na serra da Ibiapaba, da altura do Ipú para o norte, os *tabajaras;* na costa, mais ou menos da barra do rio Jaguaribe á barra do rio Paraíba, os *petiguaras;* em Pernambuco e Alagoas, os *caetés;* no interior, perto do rio S.-Francisco, os *amoipiras* e certamente os *tupinaés*.

A lista numerando os diversos grupos tapuias é enorme. Os mais notaveis eram os *kariris*, que habitavam largos tratos do territorio baiano e sergipano, além do rio S.-Francisco, e aquém dos sertões de Pernambuco, da Paraíba, Ceará e Piauí; entre os *karaíbas*, a tribu dos *pimenteiras* devia ser a mais importante; entre as familias não consignadas nos trabalhos etnograficos cumpre salientar a dos indios *carnijós*, denominação por que hoje se conhecem várias tribus que falam um idioma que se não pode incorporar aos grupos linguisticos conhecidos. Entanto, as referencias a êstes amerincolas, mesmo as mais recentes, dão-nos como da familia *kariri!*

As praias do Ceará, conquanto não fôssem permanentemente habitadas por indios *tupís*, eram todavia por êles percorridas, bem como também por algumas tribus *tapuias*, tais a dos *jaguariguaras, paiakús*, etc., além da dos *tremembés*, que viviam nelas constantemente, do Mundaú para o norte, até além do delta do Parnaíba.

Os *carnijós*, que, ainda atualmente, vivem em aldeias, no municipio de Aguas-Belas, em Pernambuco, são um grupo de várias tribus ou restos de várias tribus que conservam, com admiravel persistencia, partes notaveis de suas primitivas instituições, dansas religiosas, linguagem, etc., apesar do contacto e relações com as populações sertanejas mestiças que os cercam por todos os lados E' facil nos sertões pernambucanos, ainda

A população indigena, ao tempo dos descobrimentos e primeiras explorações, não devia ser tão reduzida como se poderia supor, atendendo-se as circunstancias clímicas da região. Essa população não era escassa nem nomade, como certos historiografos deixam crer.

A respeito dos *tupís,* pode-se ter uma pálida idea do seu valor demografico notando-se o informe, quiçá exagerado, de velhos cronistas, cujos computos pedem evidentemente criteriosa retificação. Dando os devidos descontos, avalia-se em cêrca de 120.000 os habitantes que falavam a lingua geral e viviam nesse tempo da barrra do S.-Francisco á barra do Parnaíba.

Efetivamente, Duarte Coelho, donatario de Pernambuco e Alagoas, encontrou nas costas da sua capitania uma consideravel quantidade de tribus indigenas da valente e operosa nação dos *caetés,* gente belicosa, que muito trabalho e despesas infligiram ao capitão e a seu filho. Em 1601, somente ao redor da vila da Paraíba (Felipéa), havia cêrca de 14.000 *petiguaras* aldeados. Em tôrno de Natal, também no comêço do seculo XVII, contavam-se 4 aldeias, onde existiam 300 guerreiros ou homens frecheiros, o que corresponde a uma população de 1.500 almas. No Ceará, 4 aldeias de indios domesticados continham número consideravel de habitantes, pois somente em uma delas Martim Soares Moreno dispunha de 900 frecheiros, correspondentes a 3.600 almas. Nas adjacencias do estabelecimento deviam morar então, pelo menos, uns 10.000 indios. Na serra da Ibiapaba, cuja fertilidade o Pe. Vieira tanto exaltou, existiam 70 aldeias de *tabajaras,* perfazendo aproximadamente 60.000 pessoas.

Junte-se, a êste total, de quasi cem mil amerin-

---

agora, colher o nome de algumas tribus *caenijós: tulniô,* cuja linguagem é mais ou menos conhecida, *uakôna, techrilí. waleikoso,* etc.

O estudo da toponimia nordestina deixa supor que os indios da familia *kariri* dominavam quasi todo o territorio, da bacia do rio Paraguaçú, na Baía, ás margens do Parnaíba, no Piauí, ou mesmo além, em terras do Maranhão. Mas, afora o testemunho insuficiente da toponimia, pouco é possivel achar para fazer uma rigorosa classificação das numerosas tribus arroladas.

colas *tupís*, os representantes numerosissimos da raça que viviam ao longo da margem esquerda do rio S.-Francisco ou nas suas ilhargas, no interior de Pernambuco, para onde os colonos haviam enxotado uma grande porção dos primitivos habitantes do litoral e das matas proximas, que vinham de desbravar. (4)

Mais dificil é o cômputo da população *tapuia* que senhoreava o sertão e as serras do interior, inclusive a chapada da Ibiapaba, em boa harmonia com os *tabajaras*. Devia, porém, ser muito maior do que a população *tupí*.

Efetivamente, só no Ceará Soares Moreno dá conta da existencia de 22 nações! Por nossa parte, conseguimos colecionar o nome de 75 tribus diferentes de *tapuias*, a maioria das quais da nação *kariri*. Calculando que cada tribu, em média, contasse apenas com 4 aldeias ou malocas, o número de indios não podia ser inferior a 150.000. Ora, a relação que compusemos evidentemente é deficiente. (5)

---

(4)—Depois que Duarte Coelho voltou para Portugal, deixando na administração da sua capitania Jeronimo de Albuquerque, seu cunhado, os indios pacificados começaram a fazer clandestinamente depredações entre os colonos; devidamente castigados, a gente dos culpados e acusados passou-se para as matas do cabo de Santo-Agostinho. Mas de lá vinha hostilizar os indios amigos perto de Olinda e na varzea do Capibaribe. Em 1560, volta á capitania o herdeiro de Duarte Coelho com seu irmão Jorge de Albuquerque e logo concertam o exterminio dos *caetés* do cabo de S.-Agostinho. Depois de anos de lutas, êstes indigenas foram desalojados e as terras que ocupavam repartidas pelos colonos. Daí foi Duarte Coelho, o moço, ás terras do Serinhaém, que ainda estavam sob o dominio de *caetés* inimigos, desbaratou-os após muitos e mortiferos combates. A maioria dos vencidos com suas mulheres e filhos fugiram para o sertão. Desde então, o trecho da costa até o rio S.-Francisco ficou pacificado. Os indios que aí habitavam fizeram pazes com os colonos, que, abusando da sua superioridade, a muitos cativaram. Entretanto, muitos também se retiraram para o interior, sobretudo para as margens do grande rio, onde haviam com facilidade abundante pescado.

(5)—Martim Soares Moreno em 1611 fez boas relações com «3 castas de tapuyas alli vizinhos», no Ceará, onde se estabelecera. Moreno anota também que o Ceará «tem em 70 legoas de circuito 22 nações de tapuyas, differentes lingoas» (*in* Relação do Ceará, Soares Moreno).

Em agosto de 1609, o Pe. Luiz Figueira, descrevendo as

Parece não haver exagêro em admitir-se que o número de *tapuias* que viviam entre os rios S.-Francisco e Parnaíba elevava-se a cêrca de 180.000, os quais adicionados aos 120.000 *tupís* perfazem o total provavel de 300.000 amerincolas para o Nordeste, ao tempo em que teve início a sua conquista.

Esta população dá para a densidade demografica da região meio habitante por quilometro quadrado de superficie.

Esta devia ser a base demografica sôbre que se vieram enxertar elementos etnicos de várias procedencias, dando lugar ao atual povoamento, que se processou como pretendemos em seguida examinar. (6)

---

dificuldades da missão do Maranhão, diz: «Do rio grande (do Norte), que é a ultima povoação dos Portugueses, ao Maranhão são passante de tresentas legoas, todas povoadas de tapuyas salvagens, que são tantos que não tem conta.»

Segundo informações prestadas pelo chefe potiguara Aragiba ao holandês Matias Beck, em 1649, na costa do Ceará, entre o estabelecimento dos batavos e o Camucim existiam 4 nações de tapuias: *Iremembé*, *guanacé guaçú*, *jaguariguari* e a dos *guanacé mirim*.

Elias Herckman, que conheceu pessoalmente os tapuias da Paraíba e do Rio-Gr. do Norte, escreveu em 1639 interessante monografia sôbre os seus costumes. Refere-se, porém, somente a 4 nações: *kariri*, da Borborema; *kaririwasú*, que nos parece serem as tribus que habitavam o sul do Ceará; *kareryjus*, e a nação *tarairyú*, cujo rei era Janduim. Diz que esta última, particularmente sua conhecida, compunha-se de duas partes, aquela conduzida por Janduim e outra de que era chefe Caracará. Os *janduim* habitavam ao ocidente do Rio-Grande do Norte.

(6)—E' curioso conhecer a população nordestina nas suas grandes datas historicas com razoavel precisão. Os estudos que temos feito neste sentido, usando as fórmulas classicas, dão resultados evidentemente muito grosseiros e em alguns casos verdadeiramente absurdos. Por isto, tivemos de procurar uma fórmula que se ajustasse melhor ao caso em questão. Partindo da hipotese de que, ao início da colonização, deviamos possuir um lastro humano, indigena, de 200.000 almas que se incorporaram na massa da população, chegamos á seguinte equação:

$Px = \frac{6-1,23t}{1-0,45t}$ em que Px é a população que se procura na data tal, t anos antes de 1920, quando se fez o último recenseamento. A fórmula não se aplica para datas recentes, de 1920 para cá. Aplicada ao ano de 1872, dá para a população nordestina 2.800.000.

II

Os ciclos do povoamento nordestino

No decurso evolutivo do povoamento do Nordeste há que distinguir diversos ciclos, bem definidos e caracterizados, de importancia e desenvolvimento variaveis, alguns nitidamente marcados, perfeitamente delimitados, outros de contornos mal esbatidos. Alguns se interpenetram, sem que, todavia, percam o seu aspecto especifico.

A caracterização dêstes ciclos é função de diversos fatores, que se compõem sempre numa resultante vetorial, mais ou menos facil de determinar mediante uma análise acurada dos elementos componentes. A especificação que a seguir vamos tentar constitue apenas um primeiro ensaio, um esbôço de sistematização com que almejamos pôr um pouco de ordem na confusa complicação de assunto tão importante quanto emaranhado.

O PRIMEIRO CICLO DO POVOAMENTO. — O primeiro ciclo do povoamento nordestino inicia-se com o tráfico de mercadorias entre nativos e estrangeiros, ao longo de toda a costa. (7)

Navios portugueses, espanhóis e sobretudo franceses (1504) percorriam o litoral, estacionavam em certos pontos, de ordinario ao abrigo dos es-

---

Ora, o recenseamento feito naquele ano foi deficiente e acusou o total de apenas 2.522.000 habitantes.

A população nordestina ao tempo dos diversos recenseamentos foi, em 1870, de 2,5 milhões; em 1890, de 3 milhões; em 1900, de 3,5 milhões; em 1920, de 6 milhões.

(7) - O abandono do Brasil pela metropole, magnetizada pela fascinação da India, concorreu poderosamente para que outras nações, que se lançavam ás aventuras do mar, sob o estímulo dos descobrimentos ibericos, visitassem as costas do Brasil e nelas pretendessem entabolar negocios com os nativos e fixar bases solidas e duradouras. Foi, pois, êste abondono a causa mediata do primeiro ciclo do povoamento nordestino. Durante muitos anos, quasi livremente, traficavam no litoral do norte estrangeiros de várias procedencias. Somente 27 anos depois do descobrimento veio a primeira armada policiadora, realmente de alguma eficiencia, confiada a Cristóvão Jaques. Seguiram-se outras sem resultados animadores.

tuarios e das abras, onde os tripulantes entabolavam relações com os indios ávidos das missangas, avelorios, machados e fazendas da Europa. Trocavam êstes artigos, muitas vezes de infimo valor, por valiosos produtos da terra. (8)

As costas do nordeste do Brasil, pela sua posição geografica em relação com os portos da Europa ocidental de onde vinham os aventureiros, ofereciam as melhores condições para êste intercambio, geralmente clandestino. Por outro lado, a ingenuidade e incultura relativa dos amerincolas, que podiam ser rudemente explorados, e o grande interêsse que os produtos americanos despertavam nos centros consumidores, onde alcançavam preços elevados, compensavam largamente todas as canseiras e todos os riscos a que estavam sujeitos os que dêle se ocupavam. A posição mais que tudo explica por que as costas do Nordeste, nos primeiros anos do descobrimento, foram das mais frequentadas da America e das mais ambicionadas, algum tempo depois. Com as frageis embarcações daquele tempo era mais facil abordá-las e explorá-las do que qualquer outra.

Como era natural, Portugal intentou obstar êste escambo, que avultava e cada dia despertava maior interêsse no estrangeiro e de certo modo ameaçava a sua soberania (8). Mas, a despeito das providencias dadas, o tráfico proibido progredia de modo assustador. Os gauleses, mais que os outros povos estrangeiros, deram enorme incremento aos seus negocios nas costas nordestinas (9). Não tardou que as

---

(8)—Para obstar o comércio clandestino, os portugueses, além das armadas guarda-costas, intentaram negociações diplomaticas, também pouco proveitosas. Finalmente, pretenderam diretamente fazer o povoamento da costa, ainda sem apreciavel exito. Com as donatarias e as conquistas consequentes do desenvolvimeto de algumas foi que se logrou obstaculo mais serio e o consequente declinio dêste comércio.

(9)—São escassos os documentos por onde se pudesse fazer uma idea da importancia do comércio, clandestino ou não, das costas do Nordeste naquele tempo. Capistrano invoca o carregamento da nau Bretoa, mas êste carregamento procede do Cabo-Frio. Quanto á nau *Pélérine*, diz Varnhagem: «Em quanto Martim Affonso navegava pelo sul, fôra ter a Pernambuco uma nau de Marselha, com 18 peças e 120 homens, denominada La Pélé-

exigencias crescentes do comércio francês reclamassem estabelecimentos mais estaveis; daí as feitorias que fundaram (Itamaracá) e a necessidade de deixarem em terra, entre os nativos, compatriotas para obter, acumular e bem dispor a carga dos navios que deviam demorar pouco nos portos. Souberam captar a confiança dos nativos com mais tino que os portugueses; conseguiram relações mais amistosas e duradouras; inspiravam mais confiança. Chamavam-lhes os indigenas *mair* ou *ayurujuba* (papagaio amarelo).

Mas, além dêstes agentes comerciais, também permaneciam longo tempo na terra, em contacto com os indios, desertores das armadas, gente de procedencia a mais diversa, quer da Europa ocidental e meridional, quer mesmo da Europa central (10), de-

---

rine, e armada á custa do Barão de St. Blancard. Em lugar da feitoria portugueza, de 6 homens, que ali haviam ficado, fez o capitão da Pélérine construir uma fortaleza provisoria, que deixou guarnecida de 30 homes; e regressára á Europa com uma carga, que montava a 5.000 quintaes de pau brasil, 300 de algodão e 600 papagaios, 3.000 pelles de animaes, grande numero de macacos e muitas bugiarias». Êstes artigos valiam em França: pau-brasil, 8 ducados o quintal; algodão, 10 ducados o quintal; cada papagaio, 6 ducados; uma pele, 3 ducados; um macaco, 6 ducados. Segundo St.-Blancard, a carga total valia 62.000 ducados, que, ao câmbio atual, na nossa moeda, correspondem a 3.900 contos de réis!

Além dos artigos já mencionados, ainda eram objeto de escambo: frutas, plantas, caças, peixe sêco, iburaquatiara, saguins, artefatos das indústrias indigenas e até os proprios indios reduzidos a escravos. Em troca, vinham da Europa certos tecidos, machados, fouces, facas, facões, pás, cavadores, alavancas, pentes, espelhos, perolas de vidro, contas, alfinetes, agulhas, linha, anzóis, etc. Por uma fouce ou um machado o selvagem dava muitas vezes tudo quanto possuía.

Os indios, porém, depois que adquiriram alguma experiencia, revelaram apreciaveis qualidades mercantis. O comércio tomou incremento sempre maior e não tardou que muitos objetos estrangeiros se tornassem necessidades imprescindiveis para o aborigene, tais, entre outros, os instrumentos rudimentares da lavoura, etc.

(10) — As deserções dos tripulantes eram tão frequentes e importantes, que ao comandante da nau Bretoa foram dadas severas instruções no sentido de prevení-las.

Os naufragos e desertores, marujos dos navios, eram gente de procedencia muito diversa. Realmente, quando D. Rodrigo de Acuña, comandante da nau S.-Gabriel, da expedição

gredados lusos que a justiça do tempo mandava lançar ás costas brasileiras e ainda soldados das feitorias portuguesas de Igaraçú e Itamaracá. (11)

Esta gente, homens sem mulheres da sua estirpe, ao pisar a terra, logo entrava em relações sexuais com as indias que lhe não opunham a menor resistencia, seduzidas pelo aspecto singular mas atraente e a riqueza esquiva que ostentava.

Porém, afora êstes forasteiros, contribuíam também para a produção dos primeiros mestiços euroamericanos do Nordeste os marinheiros das armadas policiadoras e dos navios e frotas do comércio enquanto, ancorados nos portos multiplos ao longo da costa, demoravam em negociações e carregamento, ou mesmo para refrescarem.

Alguns desertores e degredados, porém, principalmente os agentes comerciais de França, se integravam ás tribus das mulheres a que se uniam. Um velho cronista do primeiro seculo do descobrimento, referindo-se aos franceses, observa e regista a ocorrencia de muitos descendentes loiros, alvos e sardos, havidos por indios, mais barbaros do que êstes, nascidos nas costas nordestinas, onde viveram e morreram como gentios. (12)

---

espanhola que, sob as ordens de Loyasa, destinada ás Molucas, foi desbaratada no estreito de Magalhães, veio ter a Pernambuco, em 1514, trazia, segundo Navarrete, gente que pelos nomes devia ser portuguesa, castelhana, genovesa, biscaínha e napolitana.

(11)—Na feitoria instalada em Iguaraçú, Cristóvão Jaques deixara 12 homens sob o comando de Manuel de Braga, isto aproximadamente em 1514. Além desta, Pernambuco teve outras feitorias antes da vinda de Duarte Coelho. Cristóvão Jaques chegou á ilha de Itamaracá em 1526 e aí por perto já achara um comêço de povoação que tratou de animar. Em ponto conveniente instalou uma feitoria (Marcos), construíu uma casa e deu outras providências, seguindo depois para Pernambuco, onde instalou outra feitoria, que devia servir de sede á administração da colonia. Aí encontrou o Capitão Pero Campico, que fez transportar para Portugal com toda a sua grossa fazenda.

Voltando do sul, onde levara a sua expedição, encontrou navios franceses que meteu a pique e levou para a feitoria de Pernambuco cêrca de 300 prisioneiros franceses.

(12)—Gabriel Soares, *in* «Tratado descritivo».

A feitoria lusa de Igaraçú fôra, em 1532, conquistada pelos franceses, que nela deixaram 70 homens de armas. Esta gen-

Esta foi a primeira infiltração de sangue estrangeiro na base etnica do Nordeste. Êste primeiro ciclo de povoamento, que se caracteriza pela variedade e procedencia de sangue exotico, com predominancia do elemento gaulês, desenvolveu-se num espaço bastante estreito, limitado quasi á fimbria litoranea. Seu rendimento, em virtude mesmo das circunstancias precarias em que se processava, foi pequeno e o poder de difusão insignificante.

O SEGUNDO CICLO DO POVOAMENTO.—Com a divisão do Brasil em capitanias hereditarias começa novo ciclo de povoamento, agora focalizado num espaço limitado do territorio, tendo por polo o nucleo demografico de Olinda.

O ciclo anterior não se fecha com a abertura do novo; ainda durante muitos anos continua gerando mamelucos nas praias. Desloca-se apenas um pouco para o norte, com centros de atividade sucessivamente na Paraíba, Rio-Grande do Norte, Ceará e, finalmente, no Maranhão, onde consegue florecer, pela fixação demorada dos franceses na terra. Neste último periodo, porém, só indiretamente êste primeiro ciclo interessa o Nordeste. (13)

O sistema de capitanias hereditarias, instituído para uma melhor defesa da costa e eficaz colonização das terras, não vingou por toda a parte. No Nordeste, contudo, duas capitanias prosperaram: a de Pernambuco, concedida a Duarte Coelho, compreendendo as terras da barra do rio S.-Francisco á barra de Igaraçú, e a de Itamaracá, dêste último limite á

---

te aí ficou algum tempo, até que Pero Lopes reconquistasse o lugar e a substituísse por portugueses, sob as ordens de Diogo Vaz.

Segundo o testemunho de Knivet, os franceses deixaram larga geração na Paraíba e Rio-Grande do Norte. Presumivelmente, também no Ceará, onde estacionaram bastante tempo, na serra da Ibiapaba, entre os indios *tabajaras*, sob o comando de Mombile. Pero Coelho aí os encontrou em 1603 e contra êles pelejou, vencendo-os, bem como os seus aliados selvagens.

(13)—Os franceses, em número avultado, estiveram senhores do Maranhão de 1612 a 1615, tendo por chefe Ravardière, com quem vieram cêrca de 500 aventureiros.

baía da Traição, na Paraíba, concedida a Pero Lopes de Sousa. (14)

Duarte Coelho veio com elementos adequados tomar posse e explorar sua donataria. Aliando ás excelentes qualidades pessoais de colonizador as otimas condições fisicas das terras que lhe foram dadas, conseguiu dar notavel prosperidade á sua emprêsa. Introduziu numerosos colonos patricios e animou-os a casarem com as indias, trouxe semente de cana e animais domesticos, negros africanos para o trabalho do campo; êle e seu filho do mesmo nome afastaram os indigenas reacionarios mais para o interior, e dêste modo criou ao longo da costa, na zona da mata, de Igaraçú até perto do rio S.-Francisco, um ambiente propício ao desenvolvimento do trabalho. Fundara a vila de Olinda, onde fixou residencia, e logo outros nucleos populosos foram surgindo, embora debilmente. Montara um engenho perto de Olinda e seu cunhado, Jeronimo de Albuquerque, instalou outro, dando dêste modo incremento á lavoura de cana, cuja prosperidade logo excedeu a espectativa geral, mercê da indústria do açúcar. O desenvolvimento desta indústria atraíu grande número de colonos de Portugal, das ilhas e de outras capitanias. (15)

Duarte Coelho teve sempre na direçãc da sua

---

(14)—Pero Lopes de Sousa não pôde pessoalmente tomar conta da sua capitania e não foi muito feliz na escolha dos seus prepostos.

Entretanto, Duarte Coelho veio logo bem prevenido, trouxe a familia e muitos parentes. A sua doação foi feita em Março de 1534, o respectivo foral tem a data de 24 de Setembro do mesmo ano e logo em Março do ano seguinte chegou êle a Pernambuco.

(15)—Sabe-se que antes da vinda de Duarte Coelho já havia cana e açúcar no Brasil. Segundo Varnhagem, em 1526 já ia algum açúcar de Pernambuco para o reino. Ora, em 1516, D. Manuel ordenou que se dessem enxadas, machados e mais ferramentas aos colonos que se destinassem ao Brasil e também que se procurasse e elegesse um homem prático e capaz de ir ao Brasil dar princípio a um engenho de açúcar e que lhe dessem sua ajuda de custo e assim todo o cofre e ferro e mais cousas necessarias para a feitura do dito engenho.

Em 1542, pediu Coelho a El-Rei isenção de direitos para a importação de escravos africanos, o que, aliás, foi negado.

donataria sucessores dignos, ativos e zelosos, que lhe deram ininterrupto progresso até o comêço da guerra holandesa, quando a capitania passou ao dominio do Govêrno.

Itamaracá, conquanto menos feliz quanto á administração, conseguiu criar na ilha e nas proximidades uma certa atividade agricola; com alguns engenhos e gados, tornou-se também centro demografico de certa importancia. Todavia, esta atividade era limitada a uma pequena área, frequentemente assolada pelos indios *petiguaras* revoltados e instigados pelos franceses seus amigos que, então, ainda frequentavam as costas vizinhas da Paraíba.

O litoral de Alagoas e de Pernambuco, da foz do S.-Francisco á ilha de Itamaracá, converteu-se assim num amplo centro de intensa fusão das três raças que aí se defrontavam. As diferenciações cosmicas e antropogeograficas facilitavam sobremaneira êste processo etnico e o progresso do povoamento, que se alargava um pouco para o interior e para o norte. Os indios rebeldes, geralmente *caetés,* foram energicamente combatidos, sacrificados ou expulsos para o sertão, para as regiões litoraneas do norte e sobretudo para as margens do S.-Francisco, distante da costa; mas, as tribus amigas, em geral da nação *tabajara,* acampavam nas proximidades dos estabelecimentos rurais. Êstes, ao lado dos cativos africanos, também contavam com escravos indigenas, muito menos aptos para o serviço dos eitos. (16)

Pode-se ter uma idea da prosperidade da colonia e, portanto, também do povoamento da região, notando-se que, segundo os cronistas, já em 1584 existiam 66 engenhos, verdadeiros e por demais efi-

---

(16)—Em 1537, Olinda foi elevada a vila, fato posteriormente confirmado. Em 1549, já existiam na região 3 nucleos demograficos: a vila de Olinda, ou Marim dos indios, Igaraçú, onde atualmente ainda se vê a igreja mais velha do Brasil, e Itamacará ou Conceição. As fazendas e sitios, muito chegados á costa, eram notaveis centros de população, pequenas concentrações onde os interessados se prendiam uns aos outros numa solidariedade imposta pela defesa comun contra os indios vigilantes e sempre prontos para reivindicações. Um tal estado social facilitava a prolificidade, concorrendo para um rapido aumento da população geral.

cientes centros de população e de miscigenação. Fabricavam-se cêrca de 200.000 arrôbas de açúcar. A população branca era avaliada em mais de 2.000 pessoas; a de pardos e africanos em 10.000 e a de indios cativos em 2.000. Em Itamaracá, apenas moravam 50 portugueses. Êstes dados induzem supor que a população civilizada do Nordeste já ascendia, aproximadamente, a 20.000 almas. Quantos seriam os indios catequizados, amigos dos portugueses ou dos colonos em geral, que com êstes viviam em contacto e concorriam para incrementar o povoamento?

A costa e as zonas a ela mais chegadas, onde as várzeas frescas e irrigadas pelas correntes perenes permitiam a lavoura da cana, continuavam prosperando, e a população crescendo rapidamente e expandindo-se, num movimento bem acentuado, até a conquista holandesa, que veio quebrar o ritmo dessa atividade. Então já o número de engenhos montava a 121 em Pernambuco e 23 em Itamaracá; ao todo, 144 fábricas de açúcar. (17)·

Êste ciclo caracterizou-se pela intensidade do povoamento na zona litoranea das matas, onde os engenhos podiam funcionar, mercê da boa qualidade das terras agricolas para a produção da cana e da abundancia de lenha para as fornalhas; caracterizou-se ainda pela predominancia dos fatores etnicos de origem africana, seguindo-se em segundo lugar os fa-

---

(17)—Mas, conquanto muito menos importantes, as culturas do algodão e do fumo já existiam ao lado de uma precaria criação de gado em zona impropria.

· O desenvolvimento da riqueza pública era já relativamente consideravel na terra da cana, e entre os colonizadores havia fortunas avultadas, com ostentação de luxo e opulencia, pretendendo-se uma comparação com Lisboa neste particular. Veste-se seda da India e usam-se jóias carissimas; os festins e divertimentos aparatosos tornaram-se frequentes no seio de uma aristocracia um tanto espuria, que pretendia imitar e superar as tolices da nobreza do reino. Nesta situação, era fatal a genese e o processo de um certo desequilibrio de ordem adaptativo-social Com o exagerado desenvolvimento do processo economico, que os demais processos analogos não puderam seguir de perto, as energias desviadas para aqueles vieram impor um regímen deficitario a alguns dêstes, sobretudo aos mais sensiveis, que são os processos religioso e moral. Os missionarios deram o sinal dêste fato, clamando contra a dissolução dos costumes.

tores ibericos, com exclusão quasi completa dos elementos gauleses ou de outra procedencia europea; caracterizou-se também pelo esbôço de uma sociedade particularista, cujos contórnos se definiam rapidamente.

O ciclo que vimos de definir é o ciclo inicial da cana de açúcar; da adaptação do colono a uma indústria rural orientada pela terra, em que predomina de modo quasi absoluto a iniciativa particular. Todavia, a atividade extrativa ainda era muito estimada; o pau-brasil continuava a ser exportado e a concorrer para a economia dos colonos. Ao lado da madeira de brasa, figuravam papagaios, macacos, couros e peles silvestres, mas tudo aquí sob um regimen de comércio inteiramente legal e exclusivamente português.

O TERCEIRO CICLO DO POVOAMENTO.—Antes de encerrar-se êste ciclo de povoamento, ainda quando o primeiro se processava com certa vitalidade nas praias, ao norte de Itamaracá, abre-se o terceiro com a conquista do resto da faixa litoranea, para o norte, até o Maranhão, promovida pelo Govêrno, mas eficazmente coadjuvada pelos colonos, cuja expansão territorial era uma consequencia direta da sua expansão industrial. Os pernambucanos já se não podiam manter dentro dos limites estreitos impostos pelos indios e franceses por um lado e por outro pelas condições fisicas do ambiente, impropríο ao exercicio da sua atividade criadora.

A administração geral do Brasil estava então vivamente preocupada com dois importantes problemas: 1o., proteger os colonos pernambucanos que na orla do ecumeno sofriam a ameaca dos indios inimigos, da Paraíba, que os continham manietados, adstritos a um espaço insuficiente, e cuja solução traria também a possibilidade da sociedade que aí se organizara dilatar o seu círculo de influências e expandir-se; 2o., remover definitivamente a ameaça que pesava ainda sôbre a soberania portuguesa no trecho norte do litoral brasileiro, pois que os franceses se tinham fortemente fixado na ilha do Maranhão e com os indios *petiguaras* e *tabajaras* dominavam aquelas paragens.

A conquista do litoral, da Paraíba para o norte, não se realizou com facilidade; efetuou-se, porém, segura e progressivamente com o valioso auxílio de ricos colonos pernambucanos, ansiosos por obter escravos indigenas e principalmente novas terras para o alargamento da indústria açucareira.

A faixa litoranea da Paraíba foi conquistada em 1584; a do Rio-Grande do Norte, em 1597; a do Ceará em 1611, e, finalmente, a do Maranhão em 1615. Ficou a porta aberta para a do Pará, que no fim dêste mesmo ano foi alcançada.

Firmada a paz com os indios *petiguaras,* após a conquista, imediatamente começou a invasão de colonos de origem europea, geralmente vindos diretamente de Pernambuco e Itamaracá.

O litoral da Paraíba povoou-se rapidamente, como era natural em vista da tensão que existia em Pernambuco, alí muito vizinho. Também para isto concorreu a qualidade da terra, que ainda permitia o estabelecimento economico de engenhos. A cidade teve imediato início e progrediu sob a proteção de um pequeno forte.

No Rio-Grande do Norte, o povoamento começou em tôrno do forte dos Reis-Magos, construído á entrada do estuario do rio Potengí, onde se abrigava a povoação incipiente que se chamou Natal. Estendeu-se, mais ou menos demoradamente, para o sul, em busca do litoral paraibano que vinha de se explorar, e para o norte até o Ceará-mirim. Além dêste último ponto o povoamento exigia proteção mais eficiente.

No Ceará, o povoamento começou também em tôrno de um pequeno e precario forte, construído por Soares Moreno, mas então sem apreciavel progresso. (18)

---

(18)—A primeira tentativa de colonização do Ceará fracassou em vista da desmedida ambição e mau caráter do seu promotor, Pero Coelho. Permitiu, porém, que se verificasse a existencia de mulatos e crioulos de Pernambuco e Baía na serra da Ibiapaba, ao lado dos indios e franceses. Provavelmente já haviam nascido os primeiros mestiços cearenses, euro-americanos, galo-tabajaras, afro-luso-americanos.

Coelho, não podendo levar adiante a sua expedição, voltou

Contudo, quando se fechou êste ciclo com a conquista holandesa, o povoamento da costa nordestina, mesmo além de Itamaracá, nas capitanias do Govêr-

---

da Ibiapaba e veio acampar no lugar Ceará, onde já estivera de passagem, e aí fundou uma povoação á margem direita do rio (Ceará) a que denominou Nova-Lisboa. A' procura de recursos para prosseguir nos seus empreendimentos, foi a Pernambuco, de onde voltou dois anos depois com a familia. A sua ausencia, mas principalmente a sua inexperiencia e ambições e *sem-razões* que cometeu, indispuseram os indigenas contra os habitantes do lugar, que se viram compelidos a abandonar o acampamento e retirar para as margens do rio Jaguaribe, onde Coelho fez construir um fortim (S.-Lourenço). Não tendo podido aí se firmar, retirou-se para a Paraíba com enormes sacrificios.

A segunda tentativa partiu da Baia e teve cunho religioso; também fracassou, mas teve o merito de remover em parte as animosidades dos indios contra os portugueses.

Depois de alguns anos, Martim Soares Moreno, que acompanhara como soldado a expedição de Pero Coelho, veio estabelecer-se na barra do rio Ceará, no lugar a que se aplicava o nome de Nova-Lisboa. Êste local devia ser propício á povoação, pois Soares Moreno diz dêle: «Já era feita uma cidade em muito bom sitio».

Moreno ao vir novamente aí se estabelecer construíu uma pequena fortaleza muito tosca, mas suficiente aos seus intentos, contra os franceses e não contra os indios, cuja amizade soube explorar e fortificar. Em 1611, Moreno trouxe um clerigo e 6 homens para a sua povoação, fez igreja e catequizou indios numerosos, defendeu a costa das investidas dos gauleses e tomou conhecimento dos recursos da terra.

Referindo-se ao lugar, diz (Relação do Ceará, 1618): «Este dito Seará é um rio que entram nelle embarcações de 30 até 40 toneladas, está em 2 graus e 2 terços da parte do sul, tem uma pequena fortaleza de madeira...» E adiante continua: «Tem muito sal das salinas que a natureza cria, muita abundancia de ostras, muitos mariscos, tem muita caça, como é veados, que são tantos como cabras e qualquer soldado com seu arcabuz os mata facilmente, tambem ha muita quantidade de porcos, muito numero de antas, de outras cousas do Brazil, ha muitos e bons papagaios, e bogios e saguins, tem muita buraquatiara que é a melhor madeira para obras que até agora se ha achado no Brazil, muito pao de tinta amarella a que chamam tatagiba com outra madeira preta de muito valor, tem muitos algodões, tem mais de 40 legoas ao redor de si muitas frutas as melhores do Brazil, como são cajus e manguavas que os antigos plantarão, e no tempo desta fruta sustenta todos aquelles indios e recolhem muita castanha de cajú para o inverno.

«... o Rio em si tem muito bons pedaços de terra para engenhos; e muitas madeiras boas para tudo que for necessario, para casas e navios, pelas serras e suas fraldas á muito boas terras para canas; tem esta colonia 4 aldeias de indios..... para pastos de todo gado são estas as melhores terras que hei visto...»

no, merecia alguma importancia, maximè na Paraíba, onde já funcionavam 20 engenhos de cana. No Rio-Grande apenas 2 engenhos trabalhavam, e no Ceará nenhum logrou instalar-se. A criação de gados esboçava-se com promissoras esperanças na Paraíba e Rio-Grande. Mas, no Ceará, esta atividade não passara das entusiasticas experiencias de Moreno em tôrno do forte.

Nessa ocasião, os soldados dos fortins do Ceará e do Rio-Grande constituíam os principais e quasi unicos elementos aloctonos para a miscigenação; os negros eram aindo raros além da Paraíba, mas já alguns mulatos de Pernambuco viviam na Ibiapaba, e nas aldeias dos indios que tinham boas relações com os broncos se encontravam um ou outro afrcano.

Êste ciclo do povoamento nordestino caracterizou-se pela eficiente e direta ação oficial na conquista e segurança do territorio; limitou-se como os precedentes á faixa litoranea que, todavia, era progressivamente alargada e se espessava do norte para o sul, atingindo a sua maior largura em Pernambuco. Como fatores etnicos exoticos teve negros, mas, principalmente, os iberos com exclusão quasi completa de outros elementos. (19)

O QUARTO CICLO DO POVOAMENTO.—A invasão holandesa fechou os dois ciclos anteriores e iniciou outro, que se especializou com a introdução de um novo elemento etnico, o sangue nordico, infiltrado pelos normandos na massa humana que evoluía na costa.

As lutas, como reação por parte dos lusos e brasileiros, contra os intrusos, acenderam-se, com periodos variaveis de recrudescencia, e se generalizaram de Alagoas ao Rio-Grande do Norte.

---

(19)—O elemento etnico africano foi desde o começo de notavel importancia. Acumulado em grande número nos engenhos, bem cedo as negras mais bem parecidas e as mulatas de melhor aspeito mereceram os favores afetivos dos senhores dos engenhos, dos seus filhos e parentes brancos, dando lugar a uma intensa produção de mestiços euro-africanos.

Uma das consequencias importantes da guerra foi o alargamento da cinta do povoamento, que até então se ajustava muito estreitamente ao mar. Não eram poucos os colonos que se não conformavam com o dominio holandês e emigravam, rumo do oeste, á procura de terras livres, que confrontavam com o sertão desconhecido. Os caminhos e as veredas alargaram o espaço conhecido e dêste modo o povoamento atingiu os socalcos da Borborema, as projeções mais estiradas dos seus contrafortes.

Porém, além dos colonos, pessoas desinteressadas pelas lutas, sobretudo negros e indios cativos, fugiam para o interior das terras, abandonando a zona explorada. Alguns brancos que a justiça perseguia também se refugiaram no espaço ainda não desbravado.

Durante a ocupação holandesa, a intensidade do povoamento não experimentou acentuado progresso; conseguiu certo incremento em redor do Recife, sob o govêrno generoso de Nassau. A cidade cresceu (embora em parte á custa de Olinda), mas tomou um aspecto menos colonial e gozou de certa animação caracteristica; como qne se urbanizou.

A indústria do açúcar, como devia ser natural, sofreu uma crise bastante séria, que se refletia desfavoravelmente na situação economica de toda a colonia, e deprimia a marcha evolutiva do povoamento. Êste o que ganhou em extensão perdeu em densidade.

Os flamengos concorreram de modo não desprezivel para o cadinho onde se fundia o povo nordestino. Percorreram mais ou menos demoradamente toda a costa e por toda a parte deixaram vestigios de sua passagem, quer na ordem cultural, quer de ordem etnica. Por êsse tempo recrudesceu a infiltração do elemento judeu. (20)

---

(20)—Ainda se encontram nos sertões nordestinos tipos que, por atavismo, lembram a constituição somatica, a cor da pele, dos olhos e do cabelo, etc., dos flamengos. Pessoalmente tenho verificado isto algumas vezes, sobretudo por ocasião das sêcas, nas construções de vulto, quer de açudes, quer de estradas, onde se concentram milhares de sertanejos. O elemento etnico

O QUINTO E O SEXTO CICLOS DO POVOAMENTO.—Com a defecção dos flamengos em 1654, abrem-se quasi simultaneamente dois ciclos de povoamento, caracterizados ambos pela penetração intensa dos sertões.

Estas longinquas regiões estavam agora melhormente conhecidas, graças ás informações, mais ou menos fantasticas, dos *tapuias,* que durante a guerra desciam ás praias, atraídos pelos contendores. Os holandeses, neste sentido, fizeram reais esforços e puderam contar com o eficiente auxílio dos terriveis *jandoins,* que habitavam uma vasta zona no interior do Rio-Grande do Norte e do Ceará.

Pelas notícias dos *tapuias,* sabia-se que o sertão era em geral árido, muito sêco no verão, criava serpentes venenosas em abundancia e não tinha animais de grande vulto. Mas sabia-se também que estava bastante povoado, pois que lá viviam muitas nações de indigenas, gente forte e dada á guerra.

O abandono das fazendas, por motivo da luta, facilitava a fuga dos escrvos que não estavam nas fileiras. Os negros que não conheciam o interior agrupavam-se em pontos convenientes, formando mocambos e quilombos, de onde vinham depredar os estabelecimentos rurais de Alagoas e Pernambuco. Uma reação séria contra êste estado de cousas tornava-se cada dia mais necessaria.

Passadas as lutas sangrentas, as atividades economicas da colonia retornam ao que fôra e em pouco intensificam-se ainda mais, exigindo copioso braço para o trabalho e sobretudo gado vacum e cavalar para o abastecimento dos engenhos.

Vê-se que numerosos e fortes estimulos provocavam o devassamento dos sertões vizinhos. Era preciso e oportuno investir para oeste á procura de escravos, de campos propicios á criação de gados e também para surpreender e destruir os quilombos. A emprêsa, entretanto, devia ser dificil, onerosa, arriscada e não havia gente desocupada suficiente para

---

judeu, bem mais raro, também se revela em certos individuos, e o mesmo se dá relativamente ao tipo cigano.

tal. Recorreu-se então aos paulistas, já muito afeitos ás entradas e bandeiras. (21)

Com a conquista definitiva de Sergipe em 1590, os baianos fundaram fazendas de criar até ás mar-

---

(21) – A intensa vida industrial-agricola não deixava margem a grandes cometimentos de outra especie, maximè á exploração dos sertões distantes. Na Baía, a influência direta do Govêrno Geral animava e auxiliava a investida para o interior, prenhe de fabulosas riquezas. Mas, como os resultados não eram satisfatorios e os *tapuias* reagiam contra a usurpação dos seus dominios, teve-se de recorrer á experiencia e á prática dos paulistas. Em 1631, o conde de Castelo-Melhor convidara os paulistas a fazer entradas na Baía. Mais tarde (1657), Francisco Barreto insiste no convite, em vista das perigosas tropelias dos indios contra os colonos. Finalmente, partindo de S.-Salvador, o paulista Domingos Barbosa Calheiros, em 1658, demandou os sertões, mas nada de realmente util conseguiu. Em 1671, chegaram de S.-Paulo Braz Rodrigues Arzão e Estêvão Ribeiro Baião Parente com gente adestrada. Braz foi pouco eficiente e Baião conquistou as terras em que dominavam os indios *Maracás*, na bacia do rio Paraguaçú. Em 1677, o paulista Domingos de Azevedo, com a sua bandeira, foi desbaratado nos sertões daquele rio. Em 1678, Domingos de Carvalho foi ao rio S.-Francisco e voltou trazendo 400 indios que aprisionara. Andava pelo sertão provavelmente a convite de Francisco Dias Davila, aprisionando ou afugentando indios, o paulista Domingos Jorge Velho. Com outro paulista, Domingos Afonso Mafrense, devassou terras do Piauí, onde obtiveram grandes concessões de terras. Mafrense por lá se ficou, mas Jorge Velho veio aos sertões do alto Piranhas, onde já estivera antes e conseguira no Piancó terras por sesmarias. Convidado a investir contra os quilombos dos Palmares, firmou por seu procurador um contrato, em 1687, com o governador de Pernambuco, ratificado pelo Marquês de Montebelo em 1691 e posteriormente confirmado pelo rei (1693), e pelo qual recebia favores excepcionais. Reuniu a sua gente, inclusivè mais de 1.000 indios do Piranhas, e marchou resoluto para a emprêsa contra os negros. Entretanto, ao chegar no rio S.-Francisco, o Govêrno Geral fê-lo ir antes ao Rio-Grande do Norte, para atender uma terrivel rebelião dos *tapuias*. O Marquês de Montebelo, porém, resolveu depois substituí-lo neste último empreendimento por outro paulista já muito experimentado nas lutas contra os indigenas, o célebre mestre de campo Matias Cardoso de Almeida. Êste devassador de sertões veio de S.-Paulo a chamado do Govêrno e foi nomeada Governador e Administrador de todas as aldeias de Nações que reduzisse e situasse desde Pôrto-Seguro ao rio de S.-Francisco. A expedição de Matias Cardoso veio por terra de S.-Paulo ao rio S.-Francisco, aonde chegou em 1690. Para o Rio-Grande do Norte levou Matias Cardoso, como *Sargento Mayor do Regimento*, a Manuel de Morais Navarro, outro paulista que mais tarde foi também mestre de campo.

gens do S.-Francisco, perto do mar. Daí foram as fazendas ganhando sucessivamente o curso do rio e não tardou passarem além da região das cachoeiras. O caminho do S.-Francisco pela praia se tornara demasiado longo e logo uma estrada se abriu, ligando o reconcavo ao médio S.-Francisco, passando por Pombal e Geremoabo. Antes, já se tinha ido até o Crobó para descer indios (1584). Parece que o primeiro ponto onde se atravessou o grande rio foi um pouco abaixo das ilhas do Pambú e Uracapa; depois, foi em Ibó. Achou-se meio engenhoso e facil para as boiadas atravessarem o rio e com isto os baianos vieram a tomar interêsse pela margem esquerda, que foram povoando.

Em breve, as duas margens do S.-Francisco se juncaram de fazendas de criar, tanto pertencentes aos sesmeiros (que eram poucos e as terras muitas) como aos seus rendeiros, que vinham suprir a capacidade para *situar* daqueles. Á proporção que as fazendas ocupavam progressivamente as ribas a montante, outros caminhos mais diretos se foram abrindo, ligando o reconcavo a passagens diversas do largo leito arenoso do S.-Francisco (Juazeiro, Jacobina, etc.). As fazendas do sertão provaram bem; com alguns anos abasteciam fartamente a Baía. (22)

Entretanto, o consumo aumentava e novas terras deviam ser exploradas. Os baianos, auxiliados pelos paulistas aventureiros ou pelos que se vinham de instalar na região conquistada, passam aos sertões áridos de além-Borborema. Pelo rio do Pontal, afluente do S.-Francisco, atingem o divisor de aguas, que transpõem na serra dos Dois-Irmãos, e ganham o territorio virgem do Piauí.

Fundam fazendas nas cercanias desta serra e do alto Piauí, que logo medram tanto, que se estendem ás terras de Parnaguá (Capistrano). Os rios Gurgueia, Canindé e Piauí são ocupados e em breve se atinge o proprio Parnaíba que, por sua vez, é

---

(22)—A caatinga com as suas excelentes qualidades para uma criação extensiva e á lei da natureza, os terrenos salinos, o gôsto especial do sertanejo pela vaqueirice explicam fartamente uma boa parte da expansão pecuaria nordestina, da Baía ao rio Parnaíba.

transposto, e dêste modo os baianos atingem o lugar Pastos-Bons, no Maranhão, que ainda em 1760 só tinha relações com a Baía!

Seguindo outros affluentes do S.-Francisco, os exploradores ganham as cabeceiras do rio Piranhas, na Paraíba, e se avizinham do sul do Ceará. (23)

De Pernambuco, também se ia ao baixo S.-Francisco á procura de gado, mas o movimento explorador se orientou diversamente. Seguiu o litoral em rumo do norte, donde, pelo curso dos rios, se avança para o sertão até o *planeplen* da Borborema e os seus contrafortes projetados para o setentrião (Rio-Grande do Norte). Mais além, vai-se á escarpa abrupta e dificil da Serra-Grande ou Ibiapaba que, em certos lugares, se transpõe penosamente.

Esta orientação da corrente povoadora de Pernambuco era imposta, além do mais, pela necessidade indeclinavel de defender as costas do norte com um proposito político. As do sul, aquém da barra do rio S.-Francisco, já estavam suficientemente povoadas e exploradas para por sí mesmas se defenderem; as que ficavam além daquela barra eram da jurisdição baiana.

Estas duas grandes correntes exploradoras que invadem os sertões nordestinos á procura de terras para criar, para prear indios ou simplesmente para afugentá-los, por fim se encontram, aproximadamente, ao longo de uma larga faixa, desdobrada amplamente pelos divisores de aguas limitativos da vertente dos rios secundarios que, aquém do S.-Francisco, fluem diretamente para o mar (rios que se podem chamar pernambucanos) com a vertente dos tributarios daquele grande curso dagua ou do rio Parnaíba (que se podem dizer baianos).

O povoamento seguia de perto a conquista e devassamento dos sertões.

---

(23) – As entradas paulistas de Domingos Jorge Velho não atingiram o territorio cearense. Das cabeceiras do rio das Piranhas, na Paraíba, retrocederam. Das suas fazendas do Piancó saiu aquele mestre de campo com mais de mil arcos para organizar a investida dos Palmares, confiada á sua capacidade.

O ciclo do povoamento do S.-Francisco caracterizou-se pelas organizações bandeirantes chefiadas por paulistas que, procurando antes afugentar ou extinguir o indio vizinho, geralmente incômodo, das fazendas de criar, do que reduzi-lo a escravo, se internavam pelos sertões á procura de boas terras de pastos. Talam os bandeirantes as caatingas e situam em seguida os currais que evoluem em fazendas. Geralmente, os expedicionarios eram os mais interessados na aquisição das terras descobertas e os seus principais exploradores. (24)

Dêste modo, surgem os estabelecimentos rudimentares de criar, com os seus rudes e destemidos vaqueiros, pessoal agregado e moradores, nos campos de onde os indigenas escorraçados, perseguidos, mortos ou escravizados desaparecem quasi ou se abrigam á sombra protetora das aldeias, sob a direção de abnegados missionarios.

Êstes homens desprendidos acompanhavam ou seguiam logo em pós os desbravadores, procuravam arrebanhar os indios dispersos e concentrá-los em aldeias, onde lhes pretendiam ensinar os principios da religião catolica, com pouca inteligencia e êxito duvidoso. Dificilmente conseguiam dos neofitos que adquerissem o hábito do trabalho sistematico e regular que orientavam principalmente no sentido da cultura da terra. As aldeias foram muitas vezes objeto de perseguição por parte dos colonos e daí se originaram conflitos mais ou menos importantes. (25)

---

(24) — Os principais chefes bandeirantes que agiram no Nordeste, ao norte do S.-Francisco, foram Domingos Jorge Velho, Domingos Afonso Mafrense, que devassaram o alto Piauí, Matias Cardoso de Almeida e Manuel Alves de Morais Navarro, que com o primeiro foram encarregados pelo Govêrno de dominar os tapuias sublevados do Rio-Grande do Norte e Ceará.

(25) – O serviço oficial-religioso das missões foi de grande eficiencia em todo o Nordeste. As aldeias assistidas e protegidas pelos dedicados missionarios puderam manter reunidos em convivio fecundo numerosissimos indios e pô-los em contacto pacífico com os colonos e seus moradores e agregados e destarte contribuíram grandemente para a miscigenação dos elementos etnicos que se defrontavam nos sertões. Ao mesmo tempo preservavam o excelente sangue indigena, permitindo a sua infiltração em alta dose no complexo racial.

Em 1650, o Pe. João de Barros fundou as primeiras aldeias

O povoamento do reconcavo estende-se pela marinha até alcançar as primeiras fazendas da margem esquerda do rio S.-Francisco que, aliás, já existiam ao tempo da ocupação holandesa. Continua rio acima, vai além das cachoeiras e sempre no rastro das bandeiras derrama-se pelos sertões que ficam adiante da Borborema, ganhando o alto Piauí. A vila de Mexa, depois cidade de Oeiras, primeira capital da provincia, foi fundada em 1718.

Também, no encalço das bandeiras, o povoamento atinge as cabeceiras do rio Piranhas e penetra no Ceará, onde os exploradores não haviam chegado. E' conveniente notar que a corrente que tomou o rumo do alto Piranhas, oriunda do S.-Francisco, não oferecia importancia, nem marcou de modo assaz positivo o seu *facies*. As bandeiras paulistas que chegaram àquelas regiões limitaram-se principalmente á destruição das populações indigenas; poucas foram as fazendas que ao depois por aí semearam. No vale do Cariri (Ceará), senão menos além, no planalto dos Inhamuns, chegaram fracos reflexos desta corrente de povoamento.

O processo de fixação á terra das caatingas era sensivelmente o seguinte: obtida a sesmaria ou uma renda de largo trecho de territorio, o pioneiro para lá conduzia o seu gado e tratava de acostumá-lo aos novos pastos, emprêsa que sempre exigia bastante gente; depois, tudo ficava, em geral, entregue ao vaqueiro, a quem cabia a responsabilidade da exploração rural. Êste, sempre assistido de numerosos moradores e agregados, desempenhava-se regularmente da sua missão. Os agregados eram comumente mestiços do Reconcavo ou do baixo S.-Francisco e, mais tarde, gente prática das primeiras fazendas do ser-

---

kariris de Canabrava (Pombal), Natuba (Souro) e Saco-dos-Morcegos (Mirandela) na bacia do rio Itapicurú (Baía). Em 1656, os capuchinhos franceses instalaram as do rio S.-Francisco, onde catequizaram os indios *Dzubucuas* (kariris). Na primeira metade do XVIII seculo ainda existiam na capitania de Pernambuco e suas dependencias 54 aldeias ou missões, sendo 17 de indios da lingua geral (tupís), 31 de indios tapuias ou da lingua travada e 6 mixtas, de tupís e tapuias.

tão; muitos, porém, eram indios que facilmente se habituavam á lida do gado, tornando-se habeis campeiros.

Capistrano diz que o autor anonimo do «Roteiro do Maranhão e Goiaz» informa que «a gente dos sertões da Bahia, Pernambuco e Ceará tem pelo exercicio nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenho ser nella occupada, consistindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro».

O gado multiplicava-se espantosamente nas caatingas abertas e fartamente tapetadas de excelentes ervas forrageiras, numa conveniente mistura de gramineas e leguminosas; o clima perticularmente propício facilitava o trabalho do vaqueiro, a vegetação arborescente pouco espêssa propiciava a revista e a pega de gado e, além do mais, como notou um inteligente observador, o produto principal, o gado, com os seus proprios pés transportava se para os centros consumidores, nos engenhos e cidades da costa. Realmente, nada mais economico e melhor adaptado ás condições sociais e cosmicas da região. Os largos verões anuos, em vez de inconvenientes, eram um bem, pois permitiam, com a queda da folhagem das plantas, completa fiscalização do gado e sobretudo concorriam para uma salubridade incomparavel.

Ao passo que os baianos, com a eficiente colaboração dos paulistas, se expandiam pelas ilhargas do S.-Francisco, senhoreando-se do *sertão de dentro,* os pernambucanos seguiam pelo litoral, subiam os rios costeiros e tomavam conta do *sertão de fora.* A princípio, movia-os o interêsse de novos tratos de terras ferteis, humidas ou de matas para a instalação de novos engenhos; depois, como tais terras logo escasseassem, se iam satisfazendo com campos de pior qualidade, terras sêcas, áridas, porém muito amplas, onde podiam estabelecer fazendas de criação. Exploração desta ordem vinha satisfazer a uma necessidade que, de há tempos, se tornava cada dia mais exigente — carne abundante e bêstas com que abastecer os engenhos, que então já se expandiam por todo o âmbito onde as condições geograficas ou os

meios de transportes permitiam uma exploração economica. A multiplicação dos engenhos limitara muito as possibilidades da criação em larga escala nos terrenos que lhe ficavam proximos, os quais mal bastavam para o sustento dos animais de trabalho. Além disto, as terras de mata ou de carrasco, com vegetação espêssa, se prestavam pessimamente á criação; faltavam bons pastos e as pragas abundavam, maltratando e depreciando o gado.

As primeiras sesmarias foram dadas ao longo da praia; mas, logo seguiam pelos estuarios, rio acima, pelos afluentes principais, com três leguas em geral de comprido, com uma ou meia legua de largo para cada ilharga. Em breve, os rios e os riachos mais accessiveis estavam ocupados, e recorria-se então ás terras de sobra ou *sobrados,* isto é, ás terras que excediam as concessões ribeirinhas, entre os cursos dagua datados paralelos ou aproximadamente paralelos.

O povoamento originario de Pernambuco, estimulado pelo adensar das relações sociais, só raramente era precedido por entradas ou bandeiras aparatosas. Em geral, para conter os indios e evitar o assalto ás fazendas, instalavam-se casas-fortes, especies de fortins provisorios, em pontos convenientes, de ordinario numa modesta elevação á margem dos rios. Eram sentinelas avançadas que permitiam a instalação, senão a fixação definitiva do colono á terra, um pouco á retaguarda ou por vezes lateralmente. Com o tempo e o respeito que inspiravam aos selvagens, a ocupação das terras avança, deixando atrás as casas-fortes.

Mas, aquí, como no ciclo baiano, também os indios eram escorraçados, mortos ou escravizados; porém o sistema em prática para fazê-lo diferia. A repressão limitava-se a zonas reduzidas, e não resolviam definitivamente a situação. Daí, as várias guerras de exterminio, decretadas pela administração e que, apesar do nome, não exterminavam, razão por que quasi sempre foram seguidas de pazes solenemente celebradas. Todavia, os paulistas não deixaram de ter certa interferencia na conquista e policiamento das terras, mas a sua ação foi relativamen-

te reduzida e mal tolerada (26). Isto permitiu maior incorporação dos *tapuias* na massa demografica. Demais, por cá também o missionario acompanhava os exploradores e no seu encalço ia fundando aldeias, recolhendo os indios tresmalhados, defendendo-os da cupidez dos colonos e da crueldade dos paulistas. Nesta parte do Brasil, o indio sempre teve algum prestígio, sobretudo depois da guerra holandesa, com a fama que ficou de alguns heróis *petiguaras* e *tabajaras*.

Mas, aos missionarios devemos a parte principal da incorporação do sangue nativo dos atuais sertanejos. A preservação do sangue indigena no Nordeste teve consequencias de alto relêvo na história do Norte e até mesmo de todo o País.

O movimento de penetração da marinha para o sertão acompanhava o curso dos rios intermitentes desta região e evitava as serras alcantiladas, de acesso dificil e de pouco proveito para o gado (27). Isto proporcionou aos indios abrigo facil e mais ou menos seguro e duradouro. Das serras êles observavam os colonos e iam conhecendo os seus habitos e relacionando-se com os mais tolerantes. Desta maneira, conseguiam com mais eficiencia anular a ação destrutiva dos civilizados contra êles; adotavam aqueles costumes que podiam assimilar e por êste jeito

---

(26)—Na área onde a influência pernambucana se fazia sentir diretamente, no chamado *sertão de fora*, a influência dos paulistas na redução dos indigenas e, sobretudo, como elemento do povoamento, foi relativamente reduzida, muito inferior á do *sertão de dentro*, área de influência baiana. O mestre de campo Jorge Velho apenas aflorou a região, nas cabeceiras do rio das Piranhas, de onde escorraçou os indigenas e onde obteve terras. Os mestres de campo Matias Cardoso e Morais Navarro operaram no Rio-Grande do Norte e em pequenos trechos do Ceará, mas em caráter oficial, e mesmo assim não eram bem vistos pelas autoridades locais. A maneira desleal e barbara de vencer os indios, atraindo-os com mostras de amizade, para, depois de apanhá-los descuidados e confiantes, massacrá-los horrivelmente, jamais foi bem aceita. Haja visto o que aconteceu ao truculento Morais Navarro, que foi excomungado pelo bispo de Pernambuco e depois processado.

(27) - Nas serras há pouco pasto; as terras, em geral cobertas de matas ou de cerrados carrascos, não criam ervas forrageiras senão em porção muito reduzida.

se atenuavam as discordancias sociais profundas que, de princípio, constituíam motivo serio de conflitos.

Tudo isto contribuía para um contacto mais íntimo, mais demorado, mais pacífico e mais eficiente sob o aspecto especial da fusão etnica do elemento nativo com os elementos exoticos, brancos e negros ou mulatos dos engenhos.

Assim se explica por que a população do interior nordestino nunca fôra escassa; por que sempre avultou e concorreu para dar á região êsse caráter de zona de concentração ativa que ainda hoje perdura, em oposição com o caráter de zona de concentração passiva que se observa na região quente e humida da terra dos engenhos.

O povoamento prosseguiu de tal maneira, que, já em 1725, o rio Jaguaribe, a maior arteria fluvial do Ceará, estava conhecido e bastante habitado da barra ás cabeceiras, nos altos sertões dos Inhamuns, e o mesmo se dava com os seus principais afluentes, inclusivè o rio Salgado, primitivamente chamado Jaguaribe-mirim. Os colonizadores do vale do Cariri não pertencem ao ciclo baiano, porém ao ciclo pernambucano, o que não impede que gente oriunda da Baía e de Sergipe, pelo riacho da Brigida, haja alcançado terras cearenses e nelas se tenha instalado. Êstes colonos; porém, eram pessoas que, por diversos motivos, tinham interêsse de fugir dos seus penates e procurar invios abrigos no recesso dos sertões longinquos. Com os anos criavam familia, unindo-se ás indias, que eram boas mães. Alguns haviam deixado parentes na Baía e, com a prosperidade da *situação* que exploravam e mais tarde legalizavam, mandavam notícias suas e até faziam vir alguns, os mais chegados, que ao seu lado também prosperavam.

Segundo um notavel cronista do tempo, o célebre Andreoni, os currais de Pernambuco (inclusivè os de além-Borborema) em 1710 passavam de 800 leguas e as cabeças de gado iam a mais de 800.000, «ainda que destas se aproveitam mais os da Baía para onde vão muitas boiadas».

As fazendas numerosissimas e as aldeias espalhadas pelo sertão constituíam verdadeiros cadinhos,

onde se amalgamavam as etnias diversas que aí se reuniam. Em breve, o número de mestiços tornara-se consideravel, tendendo a superar o de qualquer dos elementos primitivos.

Com o tempo, o afluxo de brancos foi dando de sí, por isto que o territorio mais accessivel estava ocupado, embora ainda as fazendas compreendessem áreas enormes, que as afastavam umas das outras. As distâncias entre os nucleos populosos, as sedes destas explorações rurais, eram consideraveis, mas nos espaços vazios nenhum intruso se podia instalar.

Portugueses ou mazombos, todavia, ainda concorriam para o caldeamento. Eram parentes dos sesmeiros ou proprietarios que vinham atraídos pela prosperidade dêstes ou a seu chamado, para ajudá-los e, em certos casos, para desposar-lhes as filhas nubeis. Afora tais advenas, chegavam soldados e funcionarios publicos, mas em número bastante exiguo.

O elemento africano fôra sempre fraco. No princípio constava dos negros fugidos, que se vinham homiziar entre os indios; depois, os donos de fazenda mandaram para o sertão cativos que deviam auxiliar os vaqueiros. Quando a pacificação do interior se generalizou, êstes proprietarios puderam, em número aliás não avultado, residir ao lado dos seus vaqueiros ou mesmo substituí-los. Trouxeram ou importaram para o serviço doméstico negros em proporção mais avultada. Além disto, uma frustrada tentativa de exploração de ouro no sul do Ceará concorreu para a introdução dos africanos naquela região. (28)

O afluxo de negros para o sertão foi sempre diminuto, porque a indústria pastoril rudimentar não exigia muita gente e para o labor dos campos de pastoreio tornara-se melhor o indio livre (ou os seus valentes descendentes). Por outra parte, a mortalidade, maior do que a de qualquer outro elemento, e as sêcas calamitosas abriam claros sensiveis nos escravos. A sêca também concorreu para avultar a

---

(28) – Realmente, naquela ocasião (Novembro de 1756) chegaram ás Lavras-da-Mangabeira, no lugar Juiz, perto do Morro-Dourado, 73 negros cativos sob a direção de Jacó Viçoso, administrador da emprêsa aurifera.

venda de cativos negros para fora da região e, dêste modo, duplamente influía na rarefação do sangue africano.

Quanto ao indigena, apesar das guerras de exterminio, das entradas devastadoras e das pestes mortiferas, constituíu durante todos êstes ciclos o largo fundo etnico do povoamento. Se não fôra o indió pela sua robustez corporal, pela sua completa adaptabilidade ao meio e a sua cultura particular, ainda o sertão nordestino apresentaria enormes manchas desertas; não teriamos o Acre, e o povoamento da Amazonia estaria num estagio muito inferior.

Já no começo do XIX seculo as correntes que afluíam para os sertões tinham perdido a sua importancia; a caudal vai se adelgaçando progressivamente, tendendo a estancar definitivamente e anunciando o ocaso dêstes dois grandes ciclos, os principais do povoamento da região. (29)

O SETIMO CICLO DO POVOAMENTO. — Antes que praticamente cessasse o afluxo de forasteiros com a ocupação das terras então aproveitaveis, abriu-se ainda um ciclo de povoamento, caracterizado pelo desenvolvimento demografico interno, pelo crescimento da população por intusecção. Define-se êste ciclo quando o aumento da população por êste processo supera positivamente o aumento por imigração de elementos exoticos.

Na região litoranea, onde a indústria do açúcar continuava prosperando e se mantinha á testa da economia local, êste ciclo não ofereceu a nitidez que apresentou no interior, onde a corrente imigratoria tornou-se muito tenue, chegando por fim a ficar inapreciavel.

Os fazendeiros, em geral, tinham muitos filhos legitimos e ilegitimos que comumente perfilhavam. Os moradores e agregados das fazendas também eram assaz proliferos. Os indices de mortalidade mantinham-se consideravelmente inferiores aos da natalidade, mercê de uma série de fatores favora-

---

(29)—Dos varios ciclos de povoamento, foram êstes os mais importantes, por isto que se tornaram os grandes responsaveis pela formação etnica da região.

veis á vida. A largueza dos campos, a limpidez do céu, a sucessão das estações sem exageros de frio ou de calor, embora uma grande amplitude entre os coeficientes indicativos da humidade atmosferica, as condições improprias para a proliferação de germens patogenicos, a raridade de molestias que se transmitem, como a sifiles, a blenorragia, a tisica, a ausencia absoluta de outras, como a lepra, etc., pelo contacto humano; um regímen de vida nada depressivo e um regímen alimentar mais ou menos regular e adaptado ás condições mesologicas concorriam certamente para explicar a longevidade e a prolificidade dos habitantes, circunstancias estas de que decorria o aumento rapido das taxas demograficas positivas.

As primitivas sesmarias, por morte do sesmeiro, subdividiam-se entre o meeiro, conjuge sobrevivente, a quem de ordinario cabia metade das terras, e os demais herdeiros, os quais, quaisquer que fôssem os bens deixados pelo defunto, deviam ter um quinhão de terras. Assim, todos haviam de possuir uma gleba onde fazer *situação,* isto é, onde montar uma fazenda de criar, que lhes garantisse a subsistencia. A fazenda de criar era a fonte da economia do sertanejo.

Por êste processo de subdivisão das terras, as *posses* reduziam-se progressivamente e ás vezes o sistema era levado a tal exagêro, que surgiam dificuldades serias á exploração.

Quando o sertão já não bastava ou a aquisição de terras accessiveis se tornara inconvenientemente penosa e cara, o que vinha de coincidir com a necessidade maior de certos artigos indispensaveis á alimentação, como farinha, milho, rapadura, etc., que as baixadas frescas do sertão já não produziam em quantidade correspondente ao consumo sempre crescente e cada dia mais exigente, as serras foram escaladas, os indios dominados ou expulsos e as suas terras amanhadas e povoadas. As serras frescas do Nordeste são verdadeiros celeiros de legumes, milho, farinha e rapadura. A serra de Baturité, que se alteia a cem quilometros apenas da capital do Ceará, e, portanto, muito proxima das antigas povoações do litoral, somente começou a ser povoada em 1737, com

a defecção dos indios *jaguaribaras* e *anacés* que nela se tinham abrigado quando perseguidos nas planicies.

Êste amplo ciclo do povoamento especifica-se, pois, pela não afluencia de elementos estranhos ao meio e pela subdivisão da propriedade territorial.

O OITAVO CICLO DO POVOAMENTO.—Depois da grande e mortifera sêca de 1877, definiu-se ainda um novo ciclo que, praticamente, já se fechou e teve como caracteristica um movimento demografico centrifugo, do Nordeste para a bacia do Amazonas e, em menor escala, para o interior do Maranhão e outros pontos do territorio nacional não sujeitos ao fenomeno climico das estiagens calamitosas.

A emigração de nordestinos é fato que sempre se verificou por ocasião das sêcas, mas somente tomou um aspecto sistematico e intensivo após aquela terrivel calamidade.

Malgrado a saída de numerosos elementos, sobretudo alarmante quando os preços da borracha no Amazonas atingiram valores excepcionais, a população nordestina não experimentou nenhuma regressão. As sêcas calamitosas trazem grandes depressões no cômputo da população; a de 1877 foi sobretudo muito rigorosa. Entretanto, o crescimento vegetativo apenas diminuíu; mas os indices positivos, salvo periodos curtissimos, sempre superaram os indices negativos.

Com a queda fragorosa da borracha e a triste situação dos seringueiros, a corrente emigratoria foi diminuindo constantemente, até perder toda a importancia sob o aspecto demografico.

O NONO CICLO DO POVOAMENTO.—Os habitantes do Nordeste, compelidos á permanencia dentro dos limites territoriais dos seus dominios, tiveram de encarar melhor as realidades da terra e de a ela se acomodar de maneira mais eficiente e definitiva. Esta necessidade de ordem educativa coincidiu com a valorização de alguns produtos proprios do meio e de exportação facil e quasi ilimitada, tais o algodão, de fibra longa ou média (arboreos), a cera de carnaúba e a oiticica.

As especies de algodão arboreo, especialmente adaptadas ás condições climo-edaficas dos sertões, resistentes ás sêcas mais rigorosas e ás pragas mais comuns, despertaram a atenção dos mais atilados, que nelas viram uma arma eficientissima contra as sêcas e ao mesmo tempo uma preciosa fonte de rendas.

A lavoura desta malvacea veio aliar-se á indústria extrativa da cera de carnaúba de modo mais proveitoso e á criação de gados sob regímen menos empirico do que dantes, permitindo aos sertanejos atividade produtiva menos sujeita aos percalços das calamidades climicas.

Os esforços do Govêrno Federal no sentido de criar centros de resistencia contra as sêcas e dêste modo amparar a vida e economia das populações nordestinas, embora já contem com mais de 5 lustros de serviços, ditos sistematicos, ainda infelizmente não conseguiram nenhum objetivo prático. Nenhum foco de resistencia, por menor que seja (30), capaz

---

(30)—Antes de 1909 o amparo das populações nordestinas contra as sêcas era extremamente irregular e de precaria eficiencia. A mortifera calamidade de 1877 impressionou vivamente o Govêrno Imperial, que tomou a iniciativa de focalizar o problema das sêcas. As discussões interessaram os homens mais cultos da *Côrte* e como resultado prático o Govêrno mandou o profissional inglês J. J. Revy estudar locais para construir no Ceará grandes açudes. Êste tecnico reconheceu e estudou as bacias de três rios que deviam comportar grandes reservatorios de alvenaria, os quais conforme os respectivos projetos cubariam 1.800 milhões de metros cubicos de agua e poderiam irrigar cêrca de 15.000 hectares de terras excelentes. Infelizmente, somente um, o de Quixadá, foi construído e devidamente dotado com a sua rede de canais de irrigação, que constitue até hoje o unico foco de resistencia ao flagelo das sêcas em todo o Nordeste. Em 1909, o Govêrno Federal criou a Inspetoria de Sêcas para estudar e construir todas as obras que pudessem modificar ou neutralizar os efeitos das sêcas. Os trabalhos desta foram iniciados com grande entusiasmo e espirito cientifico, mas, apenas iniciados sofreram sérias dificuldades em virtude da redução de verbas. Contudo, fez-se quanto ainda hoje existe com caráter positivo e cientifico. Quasi todos os locais para a construção de grandes açudes foram estudados ou reconhecidos; as bacias de irrigação devidamente levantadas, cartas geograficas, estudos botanicos, geologicos e geograficos foram levados a efeito, bem como muitas particularidades da vida economica e social da região.

O meio fisico nordestino ficou dêste jeito suficientemente

de prevenir ou neutralizar os efeitos nocivos do fenomeno, foi ainda estabelecido, como se há feito alhures. Consequentemente, em nada têm podido influir no povoamento, quer garantindo a normalidade da sua evolução, quer mesmo evitando as perturbações

---

conhecido, pelo menos de modo a oferecer os elementos necessarios ao estabelecimento de todos os planos de trabalho concernentes a estudos e obras contra as sêcas. Ao tempo do govêrno do Presidente Epitacio Pessoa, a administração pública pretendeu resolver definitivamente a questão das sêcas e para isto organizou um plano de vastissima envergadura, que não pôde ser levado a efeito, apesar dos esforços e energia daquele presidente. Legou, porém, ás administrações futuras copioso material de primeira ordem, enorme acêrvo de experiencias novas e novos metodos de trabalho, muito mais eficientes do que os antigos pela maquinaria e mecanização dos serviços. Em seguida, a Inspetoria de Sêcas passou por uma grande crise, falta de verbas, não distribuição dos minguados e ridiculos creditos, falta de tecnicos, etc. Todavia, êste periodo não foi inteiramente esteril, por isto que, embora lentamente, preparou o advento para nova época de atividade: construíu muitos pequenos açudes em cooperação com particulares, mais de mil quilometros de estradas de rodagem, estudou e projetou inumeros açudes de varios tipos e muitas estradas carroçaveis.

De 1909 a 1930, a Inspetoria de Sêcas:

Estudou, projetou, construíu ou reconstruíu 124 açudes de varios tipos;

Estudou, projetou e tinha em construção (não concluídos) 30 açudes diversos.

Êstes 154 reservatorios cubam um total de 1.066 milhões de metros cubicos de agua quando repletos. De 1909 a 1918, segundo o Sr. José Americo, a Inspetoria estudou 1.298 açudes, perfurou 633 poços profundos, instalou 341 estações pluviometricas, 2 hortos florestais e de várias experimentações agricolas, construíu e reconstruíu várias estradas de rodagem; além disto, fizera o levantamento topografico de algumas bacias de irrigação no total de 40.000 hectares, aproximadamente. Tudo isto se fez num regímen de grandes aperturas financeiras. Em 1920, foram iniciadas as construções de 10 grandes açudes, cubando cêrca de 5.500 milhões de metros. Podia então a repartição dispor de largos creditos, tanto que, daquele ano a 1904, foram invertidos em obras e material no Nordeste 339.281 contos de réis, sendo que apenas 203.827 contos foram realmente dispendidos com obras de açudagem e estradas de rodagem. A diferença foi gasta em obras diversas, subsidiarias, como portos, estradas de ferro e materiais para o respectivo aparelhamento. Para que se tenha uma palida idea do material comprado, note-se que a Inspetoria adquiriu nesse tempo 50.000 toneladas de trilhos, 428 vagões e 77 locomotivas. Além das grandes obras de açudagem, construía então a Inspetoria 58 estradas de rodagem e 8 estradas carroçaveis.

De 1930 a esta data, a Inspetoria iniciou e concluíu a

depressivas a que êste está sujeito, por ocasião das crises climicas.

O ciclo do povoamento nordestino que vimos de considerar somente há poucos anos se manifestou e ainda agora está numa fase que se pode ter como inicial.

Caracteriza-se por uma melhor adaptação economica á terra, por um aumento progressivo da riqueza pública e maior atividade industrial, que redunda no crescimento de alguns nucleos populosos, particularmente das capitais dos estados.

III

Estado atual da distribuição demografica

A população nordestina o ano atrasado (1935) devia ser aproximadamente de 8.617.000 habitantes,

---

construção dos grandes açudes publicos *General-Sampaio, Ghoró, Jaibaras* e dos médios *Estreito* e *Joaquim-Tavora;* concluíu as construções, anteriormente iniciadas, dos grandes açudes *Piranhas* e *Jtãs* e dos açudes medios *S.-Gonçalo, Gondado, Pilões* e *Solidade*. Além disto, iniciou e concluíu a construção de alguns açudes pequenos, em cooperação com particulares; tem estudado alguns grandes e medios açudes, construído e reconstruído ou melhorado algumas centenas de quilometros de estradas de rodagem ou carroçaveis, perfurado numerosos poços e mantém em construção canais para a irrigação das várzeas do S.-Gonçalo, do Estreito e do Forquilha. Continuando e desenvolvendo o programa agricola que a Inspetoria sempre manteve, tem varios postos agricolas em atividade.

De 1909 a 1930, inclusivè, a União havia gasto em obras, materiais e estudos referentes á luta contra as sêcas 549.936 contos de réis (compreendendo os gastos com as grandes obras, açudes, portos, estradas de ferro, aparelhamento para estas e o grande depósito de materiais de toda a especie armazenados nos grandes almoxarifados dos açudes); de 1931 a 1935 as despesas montaram a 335.272 contos de réis. O total das despesas, pois, atinge 885.208 contos de réis, a que se devem somar os dispendios de 1936, que não sabemos a quanto montam.

Infelizmente, apesar dêste vultoso emprêgo de capital, ainda o Nordeste não possue um pequeno trato de territorio indene dos efeitos nocivos das sêcas. O regímen dispersivo das obras e a falta de equilibrio nos planos de serviço são os responsaveis por êste fato extraordinario na nossa história da luta contra as sêcas.

irregularmente distribuída por uma área de 388.110 quilometros quadrados (estados de Alagoas ao Ceará).

A contribuição de cada um dos estados verdadeiramente do nordeste do Brasil constava do seguinte quadro discriminativo:

ESTADOS	SUPERFICIE	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOG.A
Alagoas	28.570 K.²	1.349.000 habs.	47,2
Pernambuco	99.250 »	3.190.000 »	32,1
Paraíba	55.900 »	1.370.000 »	24,5
Rio-Grande do Norte	52.400 »	756.000 »	14,4
Ceará	151.990 »	1.952.000 »	12,8
Totais e média	388.110 »	8.617.000 »	22,7

Êste quadro mostra que a maior densidade demografica está em Alagoas, seguindo-se em ordem decrescente Pernambuco, Paraíba, Rio-Grande e Ceará.

E' curioso observar que as maiores densidades estão nos estados que possuem a faixa litoranea continuamente humida e de maior largura, e decrescente para o norte, quasi proporcionalmente a essa largura.

A distribuição demografica, resultante de varios fatores propulsivos e atrativos do povoamento, mostra-se muito irregular. Dêsses fatores há que sublinhar em primeiro lugar o complexo de causas cosmicas que caracterizam as diversas zonas que integram o vasto territorio nordestino.

A inspecção da carta demografica mostra uma grande concentração humana ao longo da costa, das margens do rio S.-Francisco até o Ceará-mirim, no Rio-Grande do Norte. Nenhum municipio aí tem menos de 20 habitantes por quilometro quadrado, sendo que entre Maceió e Cabedelo, trecho o mais largo desta área de concentração, a densidade por municipio não cai nunca abaixo de 40, podendo atingir frequentemente mais de 100 e, excepcionalmente, mais de 500, como nos municipios de Recife e Olinda.

Muitas comunas de Pernambuco, várias de Alagoas, algumas da Paraíba e uma unica do Rio-Grande têm de 100 a 200 habitantes por quilometro quadrado.

Esta faixa, que é um dos lugares mais populosos do País, enquadra-se entre a Borborema e a praia. A curva do nivel de 300 metros (altitude) corta-a desde Alagoas até as extremas da Paraíba, onde passa a lhe marcar os lindes ocidentais. Ao entrar no Rio-Grande, esta curva foge para oeste, ao mesmo passo que a faixa populosa se contrai, perlongando o mar.

Além desta grande concentração humana, notam-se mais três outras, de extensão muito mais reduzida e de densidade demografica também muito inferior.

A mais notavel localiza-se em tôrno de Fortaleza (Ceará), entre a serra de Baturité (inclusivè) e o oceano. O municipio da capital do Ceará tem mais de 300 habitantes por quilometro quadrado e sôbre aquela serra há zonas em que a população relativa varia de 60 a 80.

Em seguida, distinguimos a importante concentração do «Cariri», no extremo sul do Ceará, que interessa também em trechos reduzidos os estados limitrofes. Compreende o célebre vale do Cariri, as regiões circunvizinhas até a Paraíba e Pernambuco (Novo-Exú). O trecho mais densamente povoado é o proprio vale do Cariri, com municipios cuja densidade é superior a 40 e até a 100, como o do Juazeiro. O municipio de Triunfo, em Pernambuco, poderia ser considerado desta concentração, embora esteja dela separado por um espaço de sertão fracamente habitado.

A última concentração digna de aprêço é a da «Ibiapaba», nos confins ocidentais do Ceará. Compreende uma grande região da Serra-Grande ou Ibiapaba, ao norte do lugar S.-Gonçalo da serra dos Cocos, e estende-se pelo lado do sertão, indo abarcar as serras do Rosario e Meruoca, perto da cidade de Sobral. Nos principais municipios da zona a densinade varia de 20 a 40.

A carta demografica revela que a zona propriamente chamada «sertão», das margens do rio S.-Francisco ao litoral norte do Ceará, contornando o vale

do Cariri, é de escassa população. Geralmente, a densidade aí mantém-se inferior a 10, podendo, todavia, mas raramente, subir a 20. Os trechos menos habitados do sertão correspondem ás regiões mais áridas, onde quasi só é possivel uma precaria indústria pastoril. Não formam manchas contínuas, mas estão espalhados irregularmente e alternam algumas vezes com zonas de densidade relativamente elevada. No Ceará, na faixa limitrofe com o Piauí, entre os municipios de Crateús e Campos-Sales, cuja população relativa é, em ambos, de 6, estão os municipios de Independencia e Tauá, com densidade apenas de 3. Numa das regiões mais agrestes do Nordeste, nas margens do S.-Francisco, a densidade demografica cai abaixo de 5 e pode mesmo ser de 1, como no municipio de Moxotó. Entretanto, interposto aos municipios de Boa-Vista e Belém, está o de Cabrobó, com a densidade de 11. No litoral, o municipio de mais fraca população relativa é o de Touros, no Rio-Grande do Norte; segue-se o de Itapipoca, no Ceará, com a densidade de 8.

Os fatores principais desta caprichosa distribuição demografica devem ser de ordem geografica, psicologica e historico-social. Atuaram na sua genese e desenvolvimento concomitantemente, numa estreita interdependencia, ora com a predominancia de um, ora de outro, porém sempre sob a orientação mais ou menos precisa, traçada pelos primeiros que deram, além de um sentido largo, energias suficientes para que o processo social-historico, inclusivè o fenomeno das concentrações referidas, pudesse evoluir como evoluíu.

Não é possivel estudar estas concentrações humanas na sua formação, considerando isoladamente a influência de cada um dêstes fatores, tais são as relações de dependencia que ligam uns aos outros.

Uma concentração humana é fenomeno que se enquadra no dominio da geografia humana e, por isto mesmo, raramente está sujeito a uma clara apreciação de causalidade proxima, evidente, como, ao contrário, ocorre nos fatos de ordem fisiografica; resta apenas condicionado a uma apreciação de relações mais amplas e abertas ou mais elasticas, nas quais,

em vez de um determinismo necessario, distinguem-se antes conexões mais ou menos complexas.

O elemento psicologico é o gérmen, a origem do fenomeno; mas, do meio cosmico êle tira energias e recebe uma orientação possivel, isto é, encaminha-se segundo um sentido mais ou menos determinado. Não é somente do meio fisico que aufere energias. Estas promanam também do meio social e historico, numa íntima colaboração com aquele.

CONCENTRAÇÃO PERNAMBUCANA.—Já definimos sumariamente os principais caracteristicos desta concentração humana; importa, porém, insistir, desenvolvendo-os.

Se, na carta demografica do Nordeste, abarcassemos com um traço vivo os municipios cuja densidade demografica na zona desta concentração é maior de 50, teriamos uma parte nuclear, mais densamente habitada. Êste nucleo margina o Atlantico e estende-se por 360 quilometros de comprimento, de Maceió a Cabedelo, e limita-se a oeste pelos municipios pernambucanos de Bom-Conselho, Garanhuns, Altinho, Belo-Jardim, Caruarú, Vertente, Surubim e S.-Vicente e pelos municipios paraibanos de Campina-Grande, Alagoa-Nova, Areias, Bananeiras e Caiçaras. Ao sul, não atinge as margens do S.-Francisco; mantém-se nos municipios de Vitória, Anadia, Atalaia, Pilar e Alagoas. A sua área sobe a cêrca de 40.000 quilometros quadrados.

Envolvendo êste espaço, desdobra-se uma faixa de terras ainda muito povoada, com densidade superior a 20, mas inferior a 50, parte integrante da concentração que é o objeto dêste estudo.

A superficie da concentração pernambucana vai, pois, das margens do rio S.-Francisco ao Ceará-mirim pela costa e limita-se, ao poente, com os seguintes municipios que ela compreende: no estado de Alagoas, Piranhas e Santana; no de Pernambuco, S.-Bento, Rio-Branco, Pesqueira, Brejo e Taquaratinga; na Paraíba, Umbuzeiro e Araruna; no Rio-Grande, Nova-Cruz, Santana, Macaíba, S.-Gonçalo e Ceará-mirim. Com o comprimento de 570 quilometros de norte a sul e largura maxima de 220, mede cêrca de 75.000 quilometros quadrados.

A carta hipsometrica do Nordeste mostra que a maior porção desta superficie está abaixo da curva de nivel de 300 metros; mas, a oeste, vai esbater-se contra o maciço da Borborema, ganhando altitude que, todavia, não atinge 1.000 metros.

Da encosta oriental desta serra, que recebe na estação propria os vapores aquosos do mar, defluem numerosos mananciais dagua de pequeno curso, mas alguns são perenes ou se tornam perenes de certo ponto para jusante. Êstes rios e riachos recebem a contribuição de muitas fontes permanentes na zona da mata e irrigam suficientemente a região a que chamamos nuclear. Abriram os rios no maciço da Borborema vales mais ou menos profundos, cujos divisores de agua constituem algumas vezes, na sua parte superior, espigões e contrafortes da serra, projetados para SE. em Alagoas e para L. em Pernambuco e Paraíba.

O solo, nos vales mais ou menos estreitos, é aluvional nas margens dos rios, coluvial ou eluvial nas encostas e cumiadas; argiloso, avermelhado e suficientemente profundo.

Não há no Nordeste zona tão ampla mais pluviosa, nem mais humida. A isohietica de 1.000 milimetros corta-a de norte a sul e limita uma faixa litoranea que vai de Natal ao rio S.-Francisco num ponto acima de Penedo, com largura pouco variavel, mas que atinge em alguns lugares 50 quilometros. A isohietica de 800 milimetros limita faixa ainda mais larga. Porém a cinta ao poente é de fraca pluviosidade ou de pluviosidade média, deficiencia em parte compensada pelos brejos e vales frescos, mais ou menos abrigados dos ventos dissecantes, na encosta oriental da Borborema.

A isotermica de 23° da temperatura *sensivel* corta toda a região longitudinalmente; mas, a temperatura média conserva-se entre 24° C. e 27° C. Na capital da Paraíba, a temperatura varia de 16° a 33°; em Nova-Cruz, no Rio-Grande, de 14° a 37°; em Jaboatão, de 17° a 35°; em Nazaré, de 11° a 35°; em Pesqueira, de 13° a 36°; em Garanhuns, de 10° a 38° (Pernambuco); e Maceió (Alagoas), de 18° a 36°.

A humidade relativa média é para toda a zona de 80 %.

Tais qualidades fisicas indicam condições propícias a um intenso desenvolvimento agricola. Cumpre observar ainda que a baixa latitude, a situação no extremo oriental da America do Sul, entre um maciço montanhoso e o mar, a conformação muito mais desenvolvida no sentido norte-sul, isto é, orientada no sentido do Oceano e relativamente fraca no sentido transversal, o que implica num contacto maior e mais íntimo com o mar; um relêvo do solo apreciavelmente suave, sem acidentes que dificultem qualquer trabalho rural; uma fitogeografia primitivamente rica, com predominancia de largas associações florestais, não tão densas e agressivas como na Amazonia, representam um acúmulo de elementos sobremaneira ajustados á larga e intensa exploração agricola, caracteristicamente equatorial ou supertropical no genero das que, no XVII seculo, tanto despertavam o interêsse economico da Europa ocidental. Aí, após a revelação da India, as gentes abastadas se tinham acostumado e haviam tomado gôsto particular pelos produtos da maravilhosa peninsula asiatica. O açúcar, especialmente, pelas suas qualidades e aplicações se tornara artigo de grande procura e, consequentemente, objeto de animado e rico comércio. Porém, a região quente e humida (não superhumida, como no vale do Amazonas), bastante iluminada, fertil e de enorme capacidade agricola que vimos de considerar, produzia artigos de muita estimação, alguns dos quais eram desconhecidos na India e deviam oferecer, como de fato ofereceram, notavel contribuição á economia desta concentração humana, em várias fases da sua formação.

O arguto donatario da terra estabeleceu-se no local mais conveniente á exploração que ia empreender. Sabia bem a importancia do açúcar, que já prometia muito e devia ser facilmente fabricado na sua vasta donataria, terra que oferecia com a India muitos pontos de semelhança. Não tardou, pois, a dar o exemplo bom, plantando cana e levantando engenho. Seus parentes o imitaram, e em breve outros colonos, estimulados pelos resultados animado-

res da incipiente indústria, montaram fábricas de açúcar.

Com pouco tempo a zona então explorada era insuficiente; alargou-se e rapidamente atingiu os limites impostos pela economia da propria indústria. O fato determinou um movimento de expansão, que deu em resultado a conquista do litoral paraibano e parte do riograndense. Cedo, porém, se verificou a impossibilidade de ampliar muito por aí a área da cana, por falta de condições fisicas das terras. Para o sul, tinha-se atingido a região do rio S.-Francisco e, além dêste rio, tudo estava sob o dominio baiano. Para o interior, a barreira árida da Borborema e os tapuias temerosos impunham um limite intransponivel.

Desta maneira, formou-se alí uma concentração humana que desde o início já trazia vigorosos germens de vitalidade. Á proporção que o número de habitantes crescia e êstes se acumulavam, densificando-se no interior das terras de cana, mais estas produziam, trabalhadas de modo mais intensivo e porventura mais aperfeiçoado pela fixação de experiencias uteis.

Aliando-se os fatores psicologicos aos agentes cosmicos, que vimos de apontar sumariamente na feitura desta concentração, cumpre enumerá-los, embora ainda mais resumidamente.

De seu conjunto ressaltam evidentes, de facil apreensão, o gôsto e a moda que os produtos agricolas e florestais da India criaram e refinaram nas populações da Europa; o caráter, a inteligencia e o senso prático do donatario Duarte Coelho e dos seus sucessores; os privilegios e favores que o Govêrno da Metropole outorgava aos senhores de engenho para estimular a sua atividade na produção do açúcar, que tanto rendia ao erario.

A interdependencia dêstes fatores deve ser sublinhada. Se a terra, pela sua excepcional posição e qualidades agricolas, não tivesse indicado os rumos possiveis de exploração, se não produzisse com facilidade e economia a cana de açúcar, nem o apetite dêste, por mais exigente que fôsse, ou o seu consumo, por mais avultado que se mostrasse, nem a energia e boa orientação das administrações coloniais teriam

conseguido o que de fato conseguiram. E, vice-versa, se a terra houvesse embora sido ainda mais propícia e dadivosa no sentido em que o fôra, nada se teria obtido sem aquele gôsto pelas cousas da India, maximè pelo açúcar que Pernambuco podia produzir; sem uma orientação administrativa exemplarmente ajustada ás condições locais e sem, talvez, os favores dispensados aos senhores de engenho para que se ligassem firmemente á terra e aumentassem a exploração de sacarose que tantos reditos proporcionava ao rei, é de crer não teria a concentração pernambucana adquirido, mesmo aproximadamente, o aspecto e o desenvolvimento que tem.

Mas, ainda assim, as cousas não teriam seguido o rumo que tiveram e a concentração atual não apresentaria a forma nem a importancia que ostenta hoje se, além dos fatores fisico-psiquicos, outros, de natureza diferente, deixassem de interferir. Importa considerar também os agentes socio-historicos.

Uma concentração humana que vem de se firmar solidamente a uma determinada terra tende a crescer, a densificar-se e, mercê dêste processo, cria energias, isto é, aproveita fontes novas de energias, que sabe transformar em seu proprio proveito. Realmente, as necessidades que mal se manisfestavam tornam-se imperiosamente crescentes e se somam a outras que vêm surgindo por efeito da propria densidade maior do agregado humano. Estas necessidades provocam a importação de elementos industriais novos, invenções anonimas de cousas e fatos uteis e, finalmente, uma atividade variada, porém de melhor rendimento.

Foi justamente isto que se verificou em Pernambuco, no correr da sua integração social.

A sociedade colonial que alí se instalou nos primeiros anos prosperou e dilatou o seu ciclo social. De princípio, sob o estímulo geografico e psiquico que examinamos. Mas, logo, o grupo humano, num esfôrço indefinidamente renovado, faz, por sua vez, geografia. A sua ação sôbre a superficie da terra torna-se cada dia mais aparente, mais ampla, mais evidente, mais profunda e mais importante. As matas ou florestas alterosas desaparecem e são substituídas

pelos grandes canaviais; edificações de várias especies surgem por toda a parte; as casas grandes com as suas senzalas, as vilas e cidades com as suas ruas e igrejas aglomeram habitantes, intensificando e concentrando o comércio e as indústrias; caminhos e estradas encurtam as distâncias.

Esta atividade de caráter principalmente economico, se bem equilibrada, é puramente social. Mas, aquí, o fenomeno de adaptação social não teve marcha normal; quebrando o ritmo do funcionamento social, trouxe perturbações sensiveis á evolução do agrupamento. A particular energia produtiva da terra para a cultura da cana e a excelencia dos mercados consumidores determinaram uma situação excepcional e perturbadora para o processo de adaptação economica; vieram como que forçar a produção do açúcar, a tal ponto, que apenas êste produto dos engenhos de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba (área da concentração pernambucana) rendiam mais á coroa lusitana (seculo XVII, comêço) do que todo o comércio da India!

E' claro que uma tal situação de prosperidade atrai forasteiros que vêm adensar o nucleo humano. Colonos de Portugal e de outras capitanias acorreram para a região das canas, dando lugar a excepcional atividade produtiva. Esta insolita atividade economica, sem que, do mesmo passo, a acompanhassem os demais elementos adaptativos da sociedade no seu dinamismo, não podia deixar de promover um complexo fenomeno historico, rico de consequencias e diferenciações importantes.

Uma destas consequencias foi, sem dúvida, a invasão e ocupação holandesa. Êste acidente historico, bem estudado e considerado no tempo através do periodo colonial, proporcionou resultados antes beneficos do que realmente depressivos, sob o aspecto especial do desenvolvimento da concentração pernambucana. Abriu amplas e ineditas dissimetrias, que produziram novos estimulos de trabalho e canalizaram consideravel fluxo de energias novas.

Evidentemente, a guerra holandesa apressou a penetração e a conquista dos sertões, cousa que de há tempos se reclamava com pouco exito e vinha

de se tornar verdadeiramente imperiosa para atender a instante procura de gado e bêstas para os engenhos e abastecimento dos povoados importantes. As relações de toda a especie de Recife com a Holanda e praças comerciais de outros países estrangeiros criaram o esbôço de uma mentalidade nova, imprevista na colonia. Como que o mundo vinha de ser revelado aos pernambucanos. Aparecem os pródomos de certa rivalidade entre a capital, onde um regímen liberal se modulava debilmente, e os engenhos com o seu sistema de férrea autoridade; era o início de uma dissimetria que mais tarde teria de dar lugar a interessantes conflitos de caráter historico.

Assim, compreende-se como, com a exploração do sertão, a população das terras de cana pôde obter elementos de maior vitalidade; pôde crescer ainda mais e, portanto, adensar-se também e arrastar empós as consequencias dêste fato.

Êste único exemplo da influência dos fatores historicos na formação e evolução da concentração em aprêço basta para ilustrar ensaio tão sumário.

Outros fenomenos caracteristicamente historicos poderiam ser induzidos da observação das ocorrencias verificadas e devidamente analisados sob o aspecto das suas relações com aquela formação e evolução. Uns agiram positivamente, outros negativamente, mas é certo que a resultante, evidentemente de natureza vetorial, se manteve sempre ou quasi sempre positivamente.

Do contrário, seria dificil compreender que, atualmente (1935), nessa área relativamente pequena se comprimisse uma população superior á metade de toda a população nordestina (de Alagoas ao Ceará).

A concentração pernambucana contém 5.076.000 habitantes, correspondendo á densidade de 70. Esta população representa 52,7% da população total dos estados que vimos de considerar, de Alagoas ao Ceará, e 76,1% do total da população dos estados nela interessados, de Alagoas ao Rio-Grande do Norte.

Tem-se idea mais ou menos nítida de um tal acúmulo humano e também da energia dos fatores

que o determinaram, considerando que nele vivem três quartos dos habitantes de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio-Grande do Norte.

O quadro seguinte pode dar lugar a interessantes comentarios de ordem social, que nos eximimos de fazer, para não mais alongar o assunto.

ESTADOS	População	Popul. na área de concentração	Porcentagem sôbre a popul. total
Pernambuco	3.190.000	2.673.000	83,7 %
Alagoas	1.349.000	1.247.000	92,4 %
Paraíba	1.370.000	902.000	65,8 %
Rio-Grande	756.000	253.000	33,5 %
Totais	6.515.000	5.076.000	76,1 %

OUTRAS CONCENTRAÇÕES. — As três outras concentrações referidas são muito menores, quer quanto á área ocupada e o valor demografico, quer quanto ao aspecto social e historico. Todas elas se localizam no Ceará e são, na ordem de importancia: a concentração de FORTALEZA, que se desenvolveu em tôrno da capital cearense, primitivamente *Forte;* a do CARIRÍ, que tem por base territorial principalmente o vale do mesmo nome, no sul do Estado, mas interessando ligeiramente os estados vizinhos de Pernambuco e Paraíba; e, finalmente, a concentração da IBIAPABA, na serra dêste nome, mas que também compreende trechos dos sertões contiguos.

Todas dispõem de uma estrutura territoria[1] muito diferenciada e, como acidente geografico de importancia, montanhas elevadas e frescas, de onde fluem mananciais perenes.

CONCENTRAÇÃO DE FORTALEZA. — Os fatores fisicos desta concentração sobrelevam aos demais. Realmente, ao longo de toda a extensa costa cearense não há outra região mais bem diferenciada

do que o *triangulo de Fortaleza*, zona enquadrada entre o mar, a serra de Baturité (inclusivè), as serras de Aratanha e Maranguape (ambas nele compreendidas) e o vale inferior do rio Choró.

A área é bastante reduzida, pois não excede 5.270 quilometros quadrados, ou sejam apenas 14 % da área da concentração pernambucana. A zona abarca duas pequenas bacias hidrograficas, cujos formadores de cabeceira são perenes (rios Ceará ou Maranguapinho e rio Pirangí). Na serra de Baturité há corregos perenes, que alimentam uma regular frescura e permitem, como nas serras de Aratanha e Maranguape, certas culturas de longo ciclo vegetativo (cana, café, fruteiras).

A carta das chuvas anuais mostra que aí está a região mais pluviosa do Estado. A isohiética de 1.000 milimetros envolve quasi toda a superficie, mas, dentro da área envolvida, se assinalam manchas de pluviosidade que atinge 1.500 milimetros. A carta hipsometrica revela que a região é em grande parte montanhosa, com altitudes que excedem 900 metros e picos que atingem 1.000 metros.

Do amplo maciço montanhoso de Baturité e das serras de Aratanha e Maranguape descem riachos que, nos anos normais e de chuvas abundantes, correm quasi todo o verão, e outros que são realmente perenes até certa distância na planicie (Pacotí, Aracoiaba, Guaiúba, etc.). Os espigões da serra de Baturité, voltados para leste, e os vales que se interpõem entre as serras de Maranguape e Aratanha e esta e a de Baturité, bem como os numerosos vales abertos no recesso do maciço desta última, foram outrora cobertos de densas florestas driáticas. Hoje, quasi inteiramente despidos de matas, êstes vales ainda bastante humidos são disputados para o plantio de cana (Acarape, Maranguapinho, Candeia, Aracoiaba, Potiú, Agua-Verde, Baú, Itapaí, etc.). A composição variada do solo concorre para uma variação ainda maior do tapete vegetal.

Por outro lado, há que notar a harmoniosa disposição das serras e planicies, que facilita as comunicações. Desde os primeiros anos da exploração, os colonos abrigados á sombra protetora do *Forte* e

os indios catequizados das aldeias circunvizinhas podiam manter suas culturas de legumes, cereais, mandioca e algodão a três e mais leguas de distância, nos sopés das serras de Maranguape e Aratanha, em solos coluviais ou aluviais dos corregos, ainda hoje estimadissimos pela sua fertilidade.

A diferenciação e os contrastes fisicos acentuados explicam a razão por que o nucleo primitivo (durante os primeiros tempos muito debil), que se organizou ao redor do fortim, pôde vingar e evolver. Outros nucleos contemporaneos ou mais ou menos contemporaneos que surgiram na costa, alguns até mais bem iniciados, não conseguiram exito; desapareceram ou deram precarias e magras aglomerações.

O *Forte*, hoje a cidade de *Fortaleza*, foi, desde os tempos coloniais, escolhido para capital do Ceará, embora a barra do Jaguaribe já fôsse conhecida pelos precursores da conquista destas paragens.

A concentração começou, como é natural, passivamente, hesitantemente, sob o estímulo unico da terra que Soares Moreno, o seu primeiro explorador, julgava muito capaz; mas, cedo, conflitos diversos vieram perturbar a paz dos colonos e soldados: indios ameaçadores, por vezes, faziam devastadoras excursões pela vizinhança; a ocupação holandesa que permitiu um certo conhecimento do interior, a existencia de prata e salitre; rivalidades entre povoações incipientes (Ceará e Aquiraz) criando e mantendo estimulos; contactos com indigenas de etnias diferentes (*tupís* e *tapuias*); ascendencia moral imposta pelas autoridades administrativas; a irradiação de energias para os novos povoados que se iam formando dentro da zona e fora dela, além das fronteiras, com a conquista e exploração progressiva dos sertões, onde a criação de gados logo tomou grande incremento, etc., constituem diferenciações de ordem humana, fatores psicologicos, historicos e sociais que concorriam para reforçar e firmar mais solidamente o homem á terra.

A interpenetração consequente crescia e intensificava-se progressivamente, dando lugar a uma melhor adaptação do agregado humano. A influência política e economica foi conquistando espaço e pôde

ser levada aos confins da capitania e chocar-se com as influências das capitanias vizinhas que também se expandiam. Com os recursos auferidos desta dilatação de influência, a concentração de *Fortaleza* alargou-se ainda mais no espaço e não tardou que atingisse os limites decretados pelas condições geograficas.

Dentre os agentes mais eficientes desta concentração cumpre destacar o contraste da zona com os sertões circunvizinhos que se estendem quasi indefinidamente para o interior. Êste sertão, por sua vez, oferece contrastes frisantes; tão ameno e criador ao tempo das chuvas, quanto agressivo e esteril ao tempo das sêcas, tão virente e alegre na estação humida, quanto desolado e triste no verão. Quando as sêcas ocorrem mais rigorosas, expulsam numerosos habitantes dessas paragens, onde minguam todos os recursos necessarios á manutenção da vida. Bandos de *retirantes* abandonam os lares, e famintos, pelas estradas sem sombra, procuram as regiões que o flagelo poupou, privilegiadas, tais as de concentração humana, principalmente as do litoral, que gozam da vantagem de receber mais cedo e mais fartamente os socorros promovidos pelas administrações. Mesmo nos anos mais ou menos normais, o sertão fornece á concentração da capital cearense apreciaveis contingentes de habitantes, atraídos ou seduzidos pela vida urbana, que lhes parece mais confortavel.

Numa superficie de 5.270 quilometros quadrados, vivem (1935) 334.600 almas, correspondendo á densidade demografica de 63,5. Aí estão, pois, 17 % dos habitantes de todo o Estado, porcentagem que tende a aumentar com o desenvolvimento industrial da Capital, o refinamento da civilização nos centros populosos da concentração, facilidade de comunicações com o interior e intensificação das relações urbano-rurais.

CONCENTRAÇÃO DO CARIRÍ.—Desenvolve-se por uma superficie maior do que a da precedente, 11.210 quilometros quadrados, e comporta 354.500 habitantes.

A base territorial compreende o vale do Cariri (foco inicial), os terrenos acidentados para o norte

dêste vale, inclusivè a serra de S.-Pedro e outras de menor importancia, até o municipio do Iguatú; para o sul, trechos da serra do Araripe e o municipio de Novo-Exú, em Pernambuco; ao poente, limita-se com a serra dos Quincuncás e para leste estende-se irregularmente, alcançando os municipios de Cajazeiras e S.-José das Piranhas, na Paraíba.

A diferenciação fisica da região é notavel, e como acidente geografico particularmente interessante cumpre indicar o proprio vale do Cariri, com os seus numerosos correntes perenes, o seu solo calcareo e muito fertil, que permitem extensa e exuberante lavoura de cana, e, finalmente, com a sua privilegiada situação a pouca distância das fronteiras de três estados (Pernambuco, Paraíba e Piauí), zona naturalmente ativa. Há que referir também a curiosa chapada do Araripe com os seus piquizais e uma extraordinaria lavoura de mandioca; as regiões algodoeiras que se dilatam até as várzeas do rio Jaguaribe, no municipio do Iguatú; os pequenos mas fertilissimos vales de Várzea-Alegre, que produzem em excelentes condições grandes safras de arroz.

Fora do *triangulo de Fortaleza,* é a zona mais pluviosa do Ceará. A maior porção é abarcada pela isohiética de 800 milimetros, mas há trechos consideraveis em que as chuvas médias anuais variam de 800 a 1.000 milimetros.

Ressalta á primeira vista a enorme importancia dos fatores fisiograficos na genese e crescimento desta concentração humana tão afastada do mar (cêrca de 600 quilometros). Porém, importa não esquecer o fator psiquico-social de grande pêso tanto na acomodação interna do agregado humano, quanto na sua morfologia e no seu especial e rapido desenvolvimento. Trata-se particularmente do fator religião.

A influência religiosa, que, orientada por um sacerdote inteligente, habil e de peregrinas virtudes, se tornou prepondérante no fim do seculo proximo passado e comêço do fluente. Entre os processos adaptativos sociais naquele meio rude—sociedade quasi incipiente ou ao menos muito rudimentar—era, efetivamente, o mais capaz de manter e consolidar

a coesão da comunidade. Deve-se a êste processo de adaptação social importante contribuição para explicar o rapido e consideravel crescimento demografico da região, sobretudo nos municipios de Juazeiro, Crato, Barbalha e Missão-Velha. Constituíu atrativo irresistivel, que encaminhou ao vale do Cariri forasteiros sem número, oriundos de todos os estados do Nordeste e mesmo de outros mais distantes (Goiaz, Maranhão, Baía, etc.), dos quais muitos lá se fixavam definitivamente. Todos os que chegavam eram portadores de energias, sob formas diversas (trabalho humano, dinheiro, fanatismo, etc.); estas, incorporadas ao meio social, logo entravam num processo de transformação preponderantemente util á comunidade

O vale do Cariri, isto é, o vale superior do rio *Salgado* e do seu afluente *Carás,* representa o centro de gravidade da concentração. Os municipios beneficiados por êsse vale têm consideral densidade demografica: Juazeiro 122, Crato 39, Barbalha 58, Missão-Velha 38 e S.-Pedro 40.

CONCENTRAÇÃO DA IBIAPABA.—Fica nos confins ocidentais do Ceará, mas não interessa ao estado limitrofe do Piauí. Compreende os municipios serranos de Ubajara, Ibiapina, S.-Benedito e Ipú e os municipios sertanejos de Massapê e Sobral (inclusivè Cariré). A superficie territorial mede 8.900 quilometros quadrados e contém 216.100 habitantes, sendo a população relativa de 24,3.

Na ordem fisica os agentes mais importantes se enumeram: elevada pluviosidade (mais ou menos como no Cariri) na parte serrana donde derivam rios de certa importancia, tributarios do rio Acaraú (Jaibaras, Juré, Jatobá, etc.); notavel diferenciação geografica (serra da Ibiapaba com os seus dois aspectos caracteristicos, de propriedades tão diversas—o *carrasco* sêco e agreste, e a *cinta,* fresca e amenissima); grande número de corregos perenes (Suçuanha, Arabé, Jaburú, Pitanga, Ipuçaba, etc.), que fornecem humidade sufiente á irrigação de longas faixas, onde se cultivam cana e café; o sertão nitidamente separado da serra por uma simples mas formidavel escarpa; as várzeas de carnaubal de Sobral e Massapê e os vales mais ou menos frescos das serras ar-

queanas do Rosario e Meruoca com os seus risonhos sitios de cana, fruteiras e mandioca.

Como ocorre no *Cariri*, a região exerce um poderoso atrativo sôbre as populações sertanejas das zonas proximas, tanto do lado do Ceará, como da banda do Piauí. Por ocasião das sêcas calamitosas, a imigração avulta. Muitos dos eventuais forasteiros, como no *Cariri*, se fixam definitivamente á terra que as sêcas não flagelam (diretamente).

Os fenomenos de ordem psicologica ou social-historicas não oferecem *grande* importancia diante da influência dos fatores fisicos na genese e evolução desta concentração; mais do que no *Cariri*, muito mais do que em *Fortaleza*, esta concentração depende de elementos fisiograficos. Todavia, pode-se invocar influências outras que não puramente fisicas. Trata-se de uma zona de fronteiras, naturalmente mais ativa socialmente do que qualquer outra que ordinariamente não goze dêste privilegio, e tanto mais, quanto é ela atravessada por mais de uma importante estrada interestadual. Êstes caminhos são antigos e não foram estranhos á formação e desenvolvimento da concentração nos seus primordios e durante, sobretudo, os tempos coloniais, quando, sôbre a serra, padres, missionarios, autoridades, indios e colonos do Maranhão e de Pernambuco se encontravam, estabelecendo uma interpenetração que não podia deixar de ser bastante ativa e rica de consequencias de ordem demografica, social e historica.

QUADROS COMPARATIVOS.—Para que se obtenha uma melhor apreciação da importancia relativa de cada uma destas concentrações nordestinas e compará-las facilmente, examinemos os dados condensados abaixo:

Concentrações	Superficie	Popul. Abs.	Pop. Rel.a	Porcent. sôbre a popul. NE
Pernambucana	75 480 k. q.	5.076.000 hs.	67,2	52,7 %
Fortaleza	5.270 » »	334.600 »	63,5	3,4 %
Cariri	11.210 » »	354.800 »	31,6	3,6 %
Ibiapaba	8.900 » »	216.100 »	24,3	2,2 %
Totais e médias	100.860 » »	5.981.500 »	59,3	62,0 %

Mostra o quadro acima que, realmente, mais de metade da população nordestina se acumula nas quatro concentrações referidas; que as densidades das duas primeiras (litoral) são relativamente aproximadas e diferem muito das duas outras (interior); que, finalmente, a concentração pernambucana, a mais antiga, maior, mais importante, vale cêrca de cinco vezes o total das outras, sob o aspecto demografico absoluto.

CARACTERISTICAS COMUNS. — Na base fisica há elementos de impressionante constancia, comuns a todas, que cumpre assinalar. Em primeiro lugar, é a humidade do solo maior e mais regular do que nas regiões circunvizinhas, proveniente de uma mais alta e mais prolongada pluviosidade, aliada a certas circunstancias ligadas á natureza do solo, donde a existencia de fontes constantes. Além disto, essa humidade do solo, apesar da periodicidade das chuvas, mantém-se durante todo o verão e permite lavouras de longo ciclo vegetativo. Em segundo lugar, ressalta uma diferenciação fisiografica notavel e, por fim, a existencia de serras e vales frescos.

A atividade produtiva do homem caracteriza-se pela predominancia da agricultura, no seio da qual sobreleva a lavoura da cana de açúcar e em segundo plano a do café. Nas concentrações de densidade demografica superior a 50, verifica-se um surto da indústria fabril que tende a avultar sem desfalecimentos e, por sua vez, provoca uma constante e poderosa atração de forasteiros para as cidades (Recife, Fortaleza).

As zonas super-populosas que vimos de examinar são regiões de sol e de humidade, plantadas como grandes oasis numa área territorial consideravel, região de sol e insuficiente humidade. As concentrações que vimos de caracterizar, na dinamica demografica, oferecem a particularidade de um movimento centripeto que sobreleva consideravelmente o movimento inverso ou centrifugo. Constituem centros apreciaveis de transformações de energias e nisto ainda se distinguem das regiões de dispersão humana, que são centros de captação de energias.

PEQUENAS CONCENTRAÇÕES.—Comumente as serras de maior vulto, sobretudo os maciços arqueanos, são zonas relativamente frescas em vista das especiais condições climo-edaficas criadas pelo complexo das suas caracteristicas geologicas, o processo de sua formação, as particularidades geograficas, etc. Por isto, até certo ponto, estão livres dos percalços das sêcas e constituem atrativos para os sertanejos acossados pelas calamidades frequentes. Formam-se nelas, consequentemente, pequenas e isoladas concentrações humanas, em geral com lavoura de cana e eventualmente de café.

Entre as que salientam de uma maneira evidente êste fato, devemos citar a serra *Verde*, em grande parte contida no municipio do Triunfo, em Pernambuco. A extensão e bom tratamento das culturas nessa serra, inclusivè a da cana, despertam a atenção e a curiosidade dos viajantes. O municipio do Triunfo tem densidade demografica de 93!

Outro exemplo interessante é o da serra do *Martins*, no Rio-Grande do Norte, cujo municipio do mesmo nome tem 20 habitantes por quilometro quadrado. Também aí se admiram belos sitios de cana e outras culturas que não vingam nos sertões.

SERTÃO.—O sertão, terra de luz e insuficiente humidade, é o dominio da *caatinga*, associação floristica muito conhecida e perfeitamente caracterizada.

As condições de vida, nesse meio, oscilam como as estações; passam de um extremo a outro, por vezes com exageros terriveis. A amenidade e produtividade da região ao tempo das chuvas regulares e após estas, ainda por alguns meses, nos anos normais, que, em média, são dez sôbre um; as condições gerais, particularmente propícias á criação de gados que, na caatinga, encontra otimas e abundantes forragens nativas e outras qualidades apreciaveis, atraíram e fixaram uma população que já é relativamente bastante densa e oferece atributos bem definidos e estimaveis. De princípio, os colonos vinham seduzidos sobretudo pela facilidade de criar, era importante para a economia geral da colonia produzir um artigo cujo consumo estava am-

plamente garantido. Além desta vantagem, a exploração de bovinos nada ou quasi nada custava e tudo quanto pudesse dar de renda era lucro certo.

Naqueles primeiros tempos, a insegurança consequente das sortidas dos indios e os estragos na criação, ocasionados pelas onças abundantes ou pelas serpentes venenosas, não eram de molde a desanimar da emprêsa deante dos fatores positivos que a tudo sobrelevavam. A rarefação do povoado humano e do gado espalhado pelos campos quasi infinitos facilitava muito a luta contra as sêcas, cujos estragos nunca eram completos e, quando ocorria uma sëca mais intensa e mais mortifera, bastava muitas vezes o recurso das retiradas oportunas, orientadas pelos habeis vaqueiros, ou até sem o concurso dêstes, mas apenas do instinto do proprio gado, que tomava a iniciativa de fugir dos campos assolados para os lugares onde não faltavam as boas pastagens. Isto se tornava facil porque, sendo as fazendas muito separadas umas das outras e relativamente pouco povoadas, sempre sobravam ervas naturalmente fenadas nos campos mais distantes, *ramas* virentes ao alcance dos animais que nas serras e nos vales frescos estavam á disposição do gado; as aguadas eram mais abundantes, por isso que os corregos mais vizinhos das serras ainda suficientemente arborizadas mantinham-se em geral perenes e os poços dos grandes rios não secavam, resistindo ás mais rigorosas estiagens.

Entretanto, a maneira como o gado se reproduzia e aumentava continuava despertando o interêsse e a admiração dos colonos que, na primeira metade do seculo XVIII, acorreram em grande número para a caatinga com os seus vaqueiros e agregados. Nas fazendas, então instaladas, logo apareciam *moradores* com familia ou que aí não tardavam a ter familia, regular ou não, indios pacificos que se fixavam nas proximidades. Também procuravam o sertão criminosos, egressos das prisões ou ameaçados pela polícia, que se juntavam ao pessoal das fazendas ou se instalavam por conta propria em terras desocupadas. Assim, apesar das sêcas, todo o sertão nordestino se povoou com espantosa rapidez.

Da população total do Nordeste, excluída a que vive nas concentrações estudadas, restam 2.636.500

habitantes para os sertões. Da superficie total, deduzindo a correspondente ás concentrações, ficam 287.280 quilometros quadrados. A densidade demografica, pois, atinge a cifra de 9,1, que se contrapõe a de 59,3 das concentrações. A média da densidade humana em todo o Nordeste é de 22, 7.

Embora já seja bastante alto êste último coeficiente demografico, a capacidade fisica das terras, a inteligencia e atividade dos habitantes indicam ainda grandes possibilidades. Possibilidades que poderão tomar vulto extraordinario quando a administração pública mais bem prevenida queira, pela aplicação de metodos conhecidos e eficazes, garantir em todas as circunstancias a lavoura e a criação de gados e proporcionar a todos os habitantes uma educação ajustada ás condições especiais da terra.